

Organizador Agostinho Both

Coletânea de Contos 2019



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Agosto 2018





K

June 2018

Organizador
Agostinho Both

Coletânea de Contos 2019

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

1ª Edição, Setembro 2019

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilhualgal 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão: Tânia Du Bois

Capa: Desenho de Luiz Carlos Barbieux Oliveira, nanquim e aquarela, papel coton, 24 x 32 cm;

C694 Coletânea de contos [recurso eletrônico] : 2019 / organização de Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

5,9 Mb : PDF.

ISBN 978-85-8326-419-4

Modo de acesso: World Wide Web:
<http://www.projetopassofundo.com.br>.

1. Literatura brasileira. 2. Contos brasileiros. I. Both, Agostinho, org.

CDU: 869.0(81)-34

Apresentação

Convidar para a leitura de um livro de contos exige um pouco de valentia. Para alguns exige muita coragem uma vez que os livros de ficção, cada vez mais, estão a procura de leitores desacostumados das letras de um pensar mágico. Passo Fundo tem a sorte de encorajar leitores a praticarem leituras através do projetopasso Fundo: uma iniciativa de apoio a quem ainda se entusiasma a revelar o lado encantador das letras de escrita criativa.

O ato de escrever textos inventivos exige um escritor cheio de esperança e ainda não consumido pela precipitação da racionalidade devoradora de almas encantadas pela vida.

A iniciativa de escrever e produzir textos, numa reunião de escritores, demonstra algumas virtudes ainda existentes tais como: cuidado, sensibilidade, solidariedade e fé para com a vida que nos cerca. Os contos compreendem uma forma de expressão além da realidade, mas cujos vínculos buscam expressar formas diversas do ser humano existir. Por séculos e séculos os contos alegravam as noites de ouvintes e contadores. Agora, exige-se valentia e ternura para enfrentar imagens prontas inscritas em computadores e celulares, que sem dó nem piedade devastam a imaginação e a participação viva de leitores. Assim o projetopasso Fundo entrega este livro. Trate-o com carinho fazendo a releitura de um mundo inventado, mas cheio da presença humana querendo a companhia de leitores.

Organizador

Sumário

Apresentação 5

A velha da morte

por Agostinho Both 9

O pudim

por Aleixo da Rosa 17

Carta de Trincheira

por Israel Portela de Farias 23

Ensaio sobre a minha cegueira

por Israel Portela de Farias 25

Entre pombas e urubus

por Kassiê de Carvalho 29

Mia

por Kassiê de Carvalho 31

A incrível e triste história do homem petrificado

por Letícia Copatti Dogenski 33

A aranha e a parede

por Marcos Antonio Bulgos de Andrade 39

Deus e o diabo? O princípio de tudo

por Marcos Antonio Bulgos de Andrade 43

Hora do lanche

por Marcos Antonio Bulgos de Andrade 45

A dança da morte

por Miguel Augusto Guggiana 47

Sonhos de um macho mirim

por Miguel Augusto Guggiana 55

Se um dia

por Pedro Du Bois 61

Ficou louca, Margarida?

por Sueli Gehlen Frosi 65

Uma vida miserável

por Sueli Gehlen Frosi 69

A agulha invisível

por Telmo Mario Dornelles Gosch 73

A maldição do caipora

por Telmo Mario Dornelles Gosch 91

Recuerdos

por Telmo Mario Dornelles Gosch 101

O Cozinheiro

por Viviane Maciel 109

Os Autores 111

A velha da morte

por Agostinho Both

Florence, cansada, resolveu afastar o desânimo avassalador. Um velho livro, esquecido na estante, trouxe-lhe um auxílio inesperado. A obra de Walter van Tilburg Clark, *Os deuses vigilantes*, instigou-a a afastar o mal-estar dos últimos quinze anos, com o fiel mas indiferente marido. Causou-lhe impacto a sensibilidade do personagem central do livro, Buk, um garoto de 12 anos. Recebera um rifle de aniversário do pai. A arma representava a iniciação à vida adulta. O apelo incisivo dos costumes o levou a caçar. Com ares de matador, lá se foi. Pouco andou junto às falésias, quando viu um coelho distraído, mastigando folhas junto a um campo de capim pálido. Ainda que sem entusiasmo, deu fim ao coelhinho. A realidade de grande caçador, porém, quedou-se, dando lugar aos apelos da compaixão.

Florence, por identificar-se com o caçador, também trazia um morto-vivo. Percebia-se como o próprio Buk. Desejou ardentemente que o coelho estivesse vivo em seu braço, aninhando-o ali como a um gatinho. Pensou, várias vezes, em uma miraculosa ressurreição do coelho. Arrumou com ternura e cuidado as orelhas do coelho, de modo a ficarem estendidas sobre as costas.

Terminada a leitura do capítulo, Florence percebeu o quanto a história de Clark se aproximava ao que vinha acontecendo na sua relação com Hermeto. Apenas, ao contrário da imobilidade do coelho, ele, vez e outra, fazia alguns movimentos de ternura. Muito mais acontecia em razão de esforços que de uma expressão espontânea. Muito pior que o tiro de Clark, havia sido o desinteresse nos últimos quinze anos. Para Buck, a ravina e as falésias perdiam suas configurações; nela, a palavra e os gestos se perdiam. E quando se revelavam, estavam toscos. Não poucas vezes rezou pra São Fran-

cisco, que levava jeito em lidar com animais e até pregara aos peixes com relativo sucesso, por que não poderia impressionar seu marido, para que lhe pusesse o prazer de outrora em sua passividade de águas turvas? Mas, de pouco adiantou.

Florence, então, empobrecida por falta de apoio celestial, começou a rever os passos que, possivelmente, teriam deixado Hermeto semelhante a uma pedra ou qualquer animal sem expressão. Um insinuante cansaço não fomentava, em nada, a alegria do velho senhor, mesmo com todos os filhos e netos reunidos. Ao perguntarem sobre o que se passava, ao ter uma nuvem a toldar-lhe os olhos, ele repetia: coisas da velhice! A indiferença dele constrangia o coração da velha senhora

Buscou, assim, rever por onde tudo começara. Quarenta anos inteiros, desabafava, arrumava-se impecavelmente para o trabalho. Liderou muitos momentos importantes da empresa. Ela não sabia se a preocupação pela vida residia na empresa ou se em sua casa. Depois: quinze anos de inépcia. Ou, como Florence no início falava: retiraram dele a capacidade de pensar. Andava como um imbecil de um lado pra o outro até que foi se aquietando com as leituras de jornal e uns papos sem destino com velhos amigos. Murchas as orelhas de seu velho coelho, cego pra qualquer iniciativa, alma sem comunhão. Florence não sossegava enquanto não punha a limpo toda a morte. Que virasse uma loba a uivar pelos desertos dele, mas, assim não morreria seu antigo bem. Ela percorreu como uma camponesa todas as terras, vendo os sulcos feitos pelas águas de setembro e a aridez do solo. Viu as mazelas que podem tornar um homem sem disposição. Pena meu homem ter somente no trabalho o grande poder. Era isso que haviam retirado de Hermeto. Viu bem de perto, de maneira contundente, o quanto a alma masculina de Hermeto era pobre. Sobrara do espírito um fiapo de talentos, resultando num caco de gente. A arte e o serviço solidário nunca passaram por perto. Estava um capim depois do inverno e, agora, esturricando num sol branco e sem dó. Florence pensava, assemelhando o marido ao coelho de Clark. Mortinho, com sinais evidentes de que não vivia mais. Caminhava trôpego, o brilho desaparecera dos olhos. Pensou muito no

que poderia fazer pra afastar a angústia que a deixava louca. Veio-lhe a ideia de convocar Hermeto a passar uns tempos na velha casa à beira do alagado. Convidou-o, mas não o convenceu a realizar tão grande aventura. Como o ambiente andava pesado, ela não conseguindo livrar-se do peso, resolveu ir sozinha. Deixou alguns pratos feitos. Avisou a filha da decisão. Que olhasse o pai por ela.

Tomou do seu inarredável fusca e, resoluta, dirigiu até o alagado. Fazia meio ano da última vez que passara ali alguns dias. Causara-lhe má impressão as ervas daninhas que cresceram por todos os lados. Uma vidraça quebrada e a banda de uma janela caída permitiram que alguns animais de pouca estimação ocupassem o lugar.

É preciso pouco para virar tapera, igual ao meu marido, resmungou. Uma cobra, duas pombas e dois gambás se instalaram, sem vergonha, na casa. Houve reclamação dos gambás que chiaram ao serem forçados a sair. Admirou-se, sobretudo, quando estes se dirigiram, meio tontos, por entre arbustos. A passarada fazia algazarra, chamando todos os voadores. O protesto foi geral. O espírito do grande medo pairava em todo o lugar. Somente o gavião, com seus olhos agudos e amarelos, olhava quieto os pobres animais que se debatiam para encontrar refúgio. Florence teve uma ideia instigante diante do barulho. O medo de morrer pode ser o meio eficaz pra despertar a vida. Quem sabe se Hermeto, tomando um susto como o das aves, não resolveria se avivar?

O primeiro dia foi de faxina, limpando penas e, o pior, a sujeira noturna das pombas. Basta um descuido e já o mal-estar toma conta de tudo. Descansou ao meio dia. Recobradas as forças, não podendo ver a horta e o pátio naquele estado, resolveu deixar as poucas flores e as gramas livres da opressão. O cansaço precipitou-se sobre ela, bem diferente de outras temporadas. Entrou na sala limpa. Lá estavam as velhas e as mais recentes fotos. A memória turbinou-se toda. Vinham, nítidos, cada um dos dias em que foram tiradas. Murmurava: a vida se apaga. Foi acender as luzes, mas cadê luz. Bem que trouxera uma lâmpada a pilhas. Imediatamente discou do celular pra filha a que religassem a luz que havia sido cortada. Como neste país mais vale uma amizade do que um direito, a filha respondeu que

tinha um amigo responsável pelo serviço. Ainda amanhã a senhora terá a luz de volta, mãe. Os medos se entregaram ao cansaço, vindo-lhe sonhos. Hermeto, que caminhava sobre o alagado, fez parte das imagens. Falava aos peixes de maneira suave e cordata: não vos incomodeis comigo. Vós sofreis em anzóis e redes, como os homens em seus anzóis e redes. Espíritos tristes repousavam sobre o pinheiro que secava nos fundos do terreno. Forçou o olhar. Descobriu que dormitavam fontes, lagos, almas perdidas e canhadas sem fim. Mas, de tudo que foi visto, penetrou-a Hermeto, que, agora, em roupas pobres, descansava entre as poucas flores do jardim. Florence falou sem interrupção: meu amor de toda a vida, estás solitário, tão distante vais. Ele veio pisando folhas e, como uma vez dizia, quando ela sofria de qualquer desânimo: tu non sei sola!

Acordou quando um pouco de luz se fazia pela janela sem banda. Ouviu o ronco de um carro. A filha chegava para repor a luz na casa. Se fez um rápido diálogo.

— Vamos pra casa, mãe! O que vai fazer, sozinha?

— Tem muita sujeira pra limpar!

— Deixa que a gente manda ajeitar tudo.

— Eles não limpam tão bem. Está tão sujo que ninguém vai querer fazer isto!

— O homem da luz não tem tempo, mãe. Fez um favor especial.

Feito o serviço:

— Obrigado, filho

— Trouxe uns CDs que vou escutar, filha. Me deixa um pouco em paz. Lá em casa tá muito difícil. Vou tomar coragem. Domingo eu voltarei.

— Mãe, se antes o pai andava triste, agora anda mais!

— Vai, filha, vou ver o que fazer.

O som do motor se afastava aos poucos. Florence carregava uma palavra mais triste, associada ao sonho com Hermeto. Saiu de casa, não sem antes pregar a parte da janela caída, mas continuava a ouvir: tu non sei sola! Que coisa é essa, murmurou, de a gente se

prender tanto, mesmo que nada mais se tenha a dizer! Uma lágrima ameaçou brotar, não fossem os tucanos num resto de mata. Mania que eles têm de erguer suas vozes roucas quando no céu aparecem as nuvens carregadas. Poucos minutos se passaram, quando um trovão anunciou que o tempo não estava para brincadeiras.

Limpava, na cozinha, algumas folhas de alface na água vinda da fonte, e as nuvens do céu derramavam suas fontes sem economia. Lembrou-se do coelho de Buck: O coelho não se encolheu calidamente em seu braço nem se aconchegou. Pelo contrário, continuou a esfriar, a esticar-se mais e mais, e vez e outra, escorregava ameaçando cair no chão. Ele não me sai da cabeça. Meu coelho está morto. Produziu e reproduziu e depois silenciou. Anda arrastando a chinela pela casa. Come seu pastinho sem prazer.

Fez uma soneca, a chuva se aquietou. Foi até o alagado, passando pela antiga estradinha que, tantas vezes, havia descido de mãos dadas com ele. Alguns raios ainda fulguravam com pouca intensidade. Havia paz sobre as águas e as folhagens, plantadas e descuidadas, pingavam.

Primeira linhada e nada. Assim uma hora. Outra linha a mais na água. Nem bem o chumbo se fundeara, esticou-se a linha. De um golpe prendeu o peixe. Trazê-lo foi o que foi: movimentos solitários e vigorosos. Desejou tanto que ele a visse no esforço de pescadora. Uma traíra e tanto! A outra linha fez o caniço vergar de pronto! Perdeu a corrida, o que serviu para se animar mais. Ainda bem que a geladeira funcionou. Posso tirar deles quantos quero. Quando chegou a noite havia o suficiente. Poderia levá-los pra casa. Anos atrás, ele se expressaria entusiasmado: aí, muié do coração! Quando me aposentar vou viver só de ti!

Limpou os seis peixes! Oba, pensou, não ando tão ruim assim! A solidão tem disso, não se perde a concentração. E o silêncio tem lá seus méritos. Nenhum remorso acompanhou o enterro dos restos mortais dos peixes. Seria a velhice que a deixara de pouca solidariedade com a vida? Também ela se entregava ao infortúnio da insensibilidade? Foi dormir pensando nessas coisas, mas sem grande pesar. Vieram sonhos de pouca precisão.

Pela manhã, tomou o café com restos de peixe e pão feito no forno. A austeridade das horas começou a vir abrupta. Dia anterior viu cães rodeando o terreno. De tempos em tempos, percebera uma matilha em correrias e latidos, parecendo fúria de cães selvagens. Olhou pela porta, ouvindo um barulho na vegetação. Ecos raivosos vinham em sua direção. Fechou a porta e, pela janela, viu uma lebre em corrida desesperada. Quatro cães em perseguição. O incauto coelho, não percebendo onde se metera, viu tardiamente a cerca. Ao tentar voltar, deu o último salto, caindo nas fauces das feras. A cena de pavor fez Florence gritar. Cada cão, rasgada a lebre, disparou com partes cheias de sangue. A morte violenta causava estremecimentos na mulher. A manhã serviu de meditação. A lebre inteira e a fúria dos animais... Não obstante a força da violência, lembrou-se de Hermeto. Qual a diferença entre o que viu e a sorte dele? Apenas a lentidão da morte. Não estava dividido, nem sangrava nas bocas famintas, morria devagar.

Um choro convulsivo brotou espontâneo do seu peito. Imediatamente, veio-lhe a inspiração de encontrar uma maneira de livrá-lo do estado de violência em que ele se encontrava. Se não em bocas malditas, estava sendo devorado pelo silêncio. Gritou desesperada, tentando livrar a lebre diante da fatalidade. Poderia ser mais incisiva para libertá-lo? Nervosa refletiu: a cerca de Hermeto poderá ser rompida?

Muito ainda estava por ser feito na casa, mas faria melhor ir ter com ele. Uma derradeira tentativa poderia salvar quem morria. Lera num antigo texto de professora: crianças e velhos sem solução podem ser levados a não violência por um choque afetivo. Somadas as circunstâncias, ligou o seu fusca e, entre barros e pedras, tomou o rumo da cidade.

Existem paisagens e paisagens, ainda que sejam as mesmas. Nada do que sempre via se parecia. O olhar de Florence perscrutava melhor cada pé de macega. A nitidez do campo constituía-se numa fortuna. Estranhava muito: o olhar dos velhos, pensava, costuma viciar. Não era seu caso. Desejou dominar qualquer outra língua pra traduzir melhor os sentimentos dos míseros arbustos. A morte do

coelho havia liberado nela o instinto quase selvagem de sobreviver. Nenhum cão devoraria seu companheiro. Foi isso mesmo: a exultação de si se esparramava e o primeiro benefício recairia no companheiro. Que pudesse ter a melhor sabedoria de uma mulher. O amor de duas tesourinhas sobre o alambrado redobrou a força da sobrevivência. O demônio não sobreviverá dentro de minha casa.

O ronco do motor se apagou. Florence viu seu marido de olhar distante. Somente um “voltou cedo”, sem emoção. Florence mostrou-lhe os peixes. Um curto olhar sobre eles e nada mais. Passou-se um dia e outro mais. A vibração dela se abrandava. A reflexão se fez: desse jeito nenhum coelho trucidado despertará à vida. Trouxe as fotos das paredes, mostrando-as, contente. Nada que o demovesse da cansada austeridade. A pobre mulher sentia-se desiludida. Uma nuvem escura apanhou-a com trovoadas soturnas, ou como se estivesse, próxima de um despenhadeiro, em terreno escorregadio. Recorreu a um estúrdio recurso. Tomou duas fotos: a sua e a dele. Deitou-as dentro de uma caixa, similar a um féretro. Flores ao redor e velas, prontas para um velório. O conjunto tornou-se mais assustador que imaginara. Sabendo da hora em que Hermeto despertava, acendeu antes as velas e gravou seus próprios soluços ininterruptos.

O homem entrou em seu quarto, lívido por ter visto o arranjo dos mortos. Acordou Florence, em transe de horror. Aí, uma criança apavorada!

— O que é aquilo mulher? Quer me matar?

—

Florence lembrava a morte do coelho e dos pedaços nas faces famintas. Por sentir-se animada, entendeu que o horror da morte tem seu remédio. Hermeto pouco lembrava o coelho de Buk.

Brilhava a luz da manhã. Pela tarde, Florence ouviu.

— Flor, vamos ao alagado neste fim de semana? Vendo teus peixes, me animei a pescar mais.

O pudim

por Aleixo da Rosa

Pôs cinco colheres de café no filtro, duas xícaras de água e ligou a cafeteira. O café deveria ser tomado fraco, pois sofria de ansiedade. O psiquiatra, na verdade, o havia proibido de ingerir cafeína. Nem sempre, porém, seguia as prescrições médicas.

— Cinco homens foram mortos na Faixa de Gaza — a televisão era antiga, de tubo, lançando luminosidade difusa sobre a mesa. Detestava luz excessiva, à noite. Preferia a penumbra.

Enquanto o café passava, procurou um perfil no Instagram. Clicou em uma foto e a aumentou. Admirava-a. Na tela do smartphone um rosto sorridente em corpo atlético convocava a todos para o sucesso. “Você pode ser bem-sucedido, basta querer!”, dizia na frase. No fundo da imagem, um homem escorava-se em um Rolls-Royce.

O café ficou pronto. Colocou um pouco de leite na xícara e a levou ao micro-ondas. Enquanto aguardava cinquenta e cinco segundos, tornou a olhar as redes sociais. Passando pelo Twitter, foi parar no Facebook. O perfil visto, agora, era o de uma mulher, aparentando ter uns trinta anos.

Misturou o café com o leite e foi para a sala. Lá, ligou outra TV, desta vez, de cinquenta polegadas. Sentou-se no sofá, segurando a xícara e o controle remoto. Por que comprou aquele imenso aparelho? Não teria como pagar as prestações em dia.

Conectou o celular à smart TV e tornou a olhar o perfil da mulher. Na grande tela, a imagem era nítida, brilhante. Em várias das fotos, um imenso sorriso.

Levantou-se do sofá e retornou a cozinha. Derramou o resto do café na pia. Voltou para a sala e fechou o Facebook. Colocou novamente no telejornal e baixou o volume.

Quase três horas depois, levantava-se para ir dormir, quando uma propaganda chamou-lhe a atenção. Uma empresa de congelados anunciava um pudim pronto. As imagens do comercial, bonitas e apetitosas, ficaram-lhe marcadas na memória.

* Ela também fazia pudim. Delicioso e amarelinho. Bem caramelizado em cima. Fazia tão bem. Nem muito doce, nem muito firme. Um sabor levemente adocicado e uma textura porosa, macia. Era a sobremesa favorita dele. Nos primeiros anos do casamento era sagrado: aos domingos, ele assava carne, ela, um pudim.

Com o passar do tempo, as comidas de domingo e os pudins rarearam. Certo domingo, ele pediu a ela, com voz nervosa:

— Fez pudim?

— Não. Você quer? Compre. Vou pra casa da minha mãe, tenho algumas coisas pra resolver.

E foi. A cena repetiu-se, várias vezes. Ela ia domingo e retornava apenas na segunda à noite. Até que um dia ela foi e não voltou.

A casa tornou-se vazia, sem domingos, churrascos ou pudins...

* Se ele fosse como Marlon, ela não teria ido embora.

Se ele fosse como Marlon, teria um corpo atlético.

Não ossos pontudos, secos.

Se fosse como Marlon, talvez até tivesse cabelo.

Não a calvície resplandecente, os dentes tortos, os óculos velhos e desgastados.

Mas ele não era Marlon...

O outro era feliz.

O outro tinha milhares de seguidores no Instagram. Centenas de curtidas em cada post, no Twitter e no Facebook. Marlon era bom. Um homem invejável. De certo, era rico. Devia ganhar muito dinheiro com a venda de livros e palestras. Era desejado pelas mulheres.

Marlon era escritor, palestrante e coach.

* A palestra durou três horas. O dia estava frio e cinzento, sem chuva, mas muito frio. Centenas de pessoas haviam comparecido ao auditório, para ouvir a preleção do famoso “personal trainer do sucesso”.

Na cabeça do homem magrelo e de óculos, muitas frases ficaram ressoando.

Quem quer, consegue.

O mundo é de quem o faz.

Quando você muda seus pensamentos, muda a si mesmo. Mudando a si mesmo, você muda o mundo.

Todos nascem para vencer.

Reprograme seu cérebro e recicle seu comportamento. Recrie sua vida.

Entre tantos ditos de efeito, a que mais lhe marcou foi “eu quero, eu posso, eu faço”. O “personal trainer do sucesso” havia explicado que, ao desejar algo, sendo esse desejo forte e construtivo, o sujeito desejante tinha não apenas o direito, mas a obrigação de realiza-lo.

Nisso, segundo ele, consistia o verdadeiro bem.

— As pessoas de bem, agem assim: tem um desejo, o realizam e mudam a realidade. — Dizia Marlon, em sua palestra.

E o sujeito magrelo, de óculos velhos, perguntava a si mesmo se, ao menos uma vez, ela havia sido um verdadeiro “homem de bem”.

* O pudim. Todas as noites ele quedava, hipnotizado, em frente à tela do notebook, contemplando a imagem do pudim.

Era um dos sites mais estranhos, antigos e engraçados da internet, o www.pudim.com.br, online, desde 1998. Consistia em uma página com a imagem, em baixa resolução, de um pudim, com um pedaço cortado.

A mania começou há cerca de um mês. Chegava do serviço e, ao olhar a casa solitária, sentia uma dor no peito. Tomava banho. Fazia café. Ligava a TV. O rádio. Lá vinha a vontade comer pudim! Mas não qualquer um. Tinha que ser um pudim como o que ELA fazia.

Comprou pudins enlatados. Horríveis! Comeu pudins em quase todas as padarias da cidade. Eram quase bons. Mas faltava algo. Nunca eram como ele gostaria que fossem.

Certa noite lembrou-se do site. A lembrança cortou sua memória, impôs-se como uma revelação.

Ligou o PC e acessou a página. Lá estava. Como sempre, há mais de dezessete anos. O pudim. A belíssima imagem daquele pudim. E quando ele o viu, teve certeza de que era AQUELE pudim que ele desejava.

Um pudim como sua mãe fazia.

Um pudim como sua ex-mulher fazia.

Noite após noite, prosseguia o ritual. Observava, por horas e horas, a imagem do pudim. Passara a beber. No início, duas ou três latinhas. Depois, oito ou nove latões. Adormecia no sofá, com o laptop ao colo, o pescoço torto, as latas de cerveja espalhadas pelo entorno.

Na tela do computador, a imagem do doce...

* Não aguentava mais. Todas as padarias. Comeu pudim em todas as padarias da cidade. Nenhuma fez o pudim que ele procurava. Mas ele ia resolver o problema. Já sabia o que fazer. O coach. As palavras do coach ressoavam em sua cabeça, como um sino, uma metralhadora, uma granada.

— Eu quero, eu posso, eu faço! — Sim, ele faria.

Durante anos foi dependente. Mas agora, não! Ele faria por si só, daria um jeito. Ele queria, podia e faria! Nem ex-mulher, nem padarias, doceiras, nem nada. Ele, apenas ele, faria o que tinha que fazer. E faria ali, naquela noite.

Abriu o notebook sobre a mesa da cozinha. Acessou, mais uma vez, o site do pudim.com.br. Olhou a imagem, mais uma vez. Sim, ele faria!

— Sozinho! Só eu! Está ouvindo, sua vagabunda? Não preciso de você. Eu quero, eu posso, eu faço!

Com as mãos trêmulas, buscou no Google uma receita de pudim de leite condensado. Anotou os ingredientes. Ele faria o melhor pudim que alguém já comeu...

* Era preciso comprar os ingredientes e, apesar de serem mais de dez horas da noite, havia um mercadinho, não muito longe, aberto até quase a meia-noite. Os donos moravam nos fundos do estabelecimento e bastava bater em uma janelinha, para ser atendido.

As ruas estavam desertas e foi preciso sair da Avenida, atravessando ruas escuras e de péssimo calçamento. As casas, pequenas, sem pintar, amontoavam-se, pareciam escoradas umas nas outras, ameaçando cair a qualquer momento.

Após fazer as compras, quando voltava para casa, parou em uma esquina, tirou o celular do bolso e, mais uma vez, admirou a imagem do pudim. O pudim que ELE iria fazer.

Nem percebeu os dois sujeitos, aproximando-se, devagar, pelas costas. Enquanto um lhe deu uma gravata, o outro lhe tomou o celular.

O celular não tinha importância. O que lhe transtornou os sentidos foi ver as sacolinhas com as compras irem ao chão, os produtos rolando pela estrada...

Com uma força que nem sabia que tinha, desvencilhou-se da gravata.

As fachadas vieram em seguida. Duas. No ventre.

* No chão, o corpo em colapso.

Com a face retorcida e os dentes cerrados, sussurrou sua última palavra:

— Pudim...

Carta de Trincheira

por Israel Portela de Farias

Caem sementes de pólvora dos aviões plantando homens mortos no chão, no mesmo tempo em que o céu é cortado por raios de luz guiados por balas de fuzil, o tempo se torna a tortura maior. Pegue meu binóculo pai e veja como o escuro predomina nas nuvens, como a fumaça engole o algodão branco do céu. Meus irmãos correram nos campos verdes, que amadureceram vermelhos de sangue na queda de seus corpos cansados da vida, de idas e vindas em meio às trincheiras de carne em decomposição.

Muitas mães esperam seus filhos sem estarem grávidas e eles não retornam ao seu berço esplendido. Muitos filhos esperam seus pais sem nunca terem recebido um abraço ou visto suas faces - talvez quando ficarem mais velhos possam tentar imaginá-las vendo a si próprios no espelho.

Voam os passarinhos de metal no ar, cantam seu canto repetido de uma nota só, eles derrubam homens com o seu piar. Esta guerra berra na cabeça, que desafina o tom do meu viver, nem o sono me deixa esquecer. Até mesmo o silêncio faz com que eu me lembre... Os olhos se fechando e a respiração parando... Meus braços doem de segurar o fuzil, mas esta dor não supera o peso de sentir um irmão morrendo aos poucos, segurando a minha mão.

Esquento meu corpo no fogo e tento queimar as tristes lembranças. Vê, pai? O mundo não passa de um engano, é presente que destruímos com a nossa presença, com nossa falsa crença. Passam os tanques como bondes, carregando almas direto para o céu, tirando os vivos deste inferno frio que fede a sangue cru. Cruzam no céu as estrelas cadentes realizando alguns desejos ao caírem, são mísseis que vem em nossa direção, descendo da via láctea metalizada...

Quando eu voltar, cubra o leito eterno do teu filho, pai, com a bandeira da pátria pela qual ele lutou, cubra-o para secar as lágrimas de minha mãe e fazer bonito como nos outros velórios, que também são em vão. Não me deixe passar frio, cubra-me. Este tempo, pai, é apenas uma passagem estreita entre o real e a maldade semeada sob a privada de homens de paletó bem passado e sapato fino, todos lutamos por eles, não por nós.

Deixe o patrão fumar seu charuto, descansado enquanto luto por ele essa batalha inútil e fútil, deixe lucrar com armas e vender nossas almas ao diabo. Que se cumpram as ordens que banham os sonhos de sangue. “Sim senhor!” Servirei até o fim, pai, você verá minhas medalhas brilharem na prateleira.

Vejo as estrelas na bandeira que tremula no mastro, se livrando dos respingos de sangue que lhe saltam em cada explosão, vejo o céu escuro, sem o brilho do sol. Sei que este sol brilhará para mim um dia, como a luz no fim do túnel, como o clarão da bomba em minha face, levando-me a crer que no fim estarei com os pés no paraíso, longe deste campo de batalha...

Ensaio sobre a minha cegueira

por Israel Portela de Farias

Preto e branco.

O mundo vai perdendo as suas cores primarias e, ao invés de ficar neutro, opta pela escuridão extrema ou pela luz que ofusca os olhos. Os traços viram troços que desaparecem ao predominarmos a preferência que nos cega. Apesar de ver, não vemos!

Mataram um homem na outra esquina da minha casa. Não vi nada! Nem mesmo queria ver a lona negra que cobria aquele corpo frio, mas vi. Não vi o crime, mas ouvi. O barulho do tiro até hoje ecoa abafado sob o meu travesseiro, trazendo a lembrança daquele dia escuro.

Na travessia de um lado a outro da rua, um corpo ficou sendo manchete, mancha escura no asfalto mesclado com a cor do piche. “Poxa, vida (ou poxa, morte)! Esse cara não teve sorte”... “Puxem ele de aí e enterrem para não vermos mais essa desgraça”- na hora era o que eu pensava.

Quem matou sumiu, ninguém viu. Porém, uma vizinha disse que achava que sabia, mas que mesmo assim não queria se meter, pois ele devia merecer. “Ninguém manda ser preto”... A senhora dizia que preto era tudo igual. A preta cor ou o preto homem, minha senhora? Ou será que era a lona sobre o asfalto que mesclava a cor? Talvez a morte, a escuridão eterna? Quem sabe... O que se sabe é que não se sabe, porque ninguém viu.

Outra senhora, que dizia ter uma comadre que morava por perto, disse que foi assalto, em pleno asfalto. “Meu Deus! Como pode?”

Um bairro tão tranquilo e civilizado tendo características de um lugar favelado? Vou Acender uma vela para o São Coisinha pedindo a benção e o expurgo dos males para esses ares”... Mas ninguém viu, e até hoje eles seguem sem ver!

De repente, no escuro daquela situação, uma cor rapidamente chamou a atenção daqueles que por ali andavam às cegas. Era o amarelo de umas fitas de isolamento, que em determinado momento fez muitos mirarem para o corpo. “Que dó, era tão jovem”... “Você conhecia?”... “Foi o que eu ouvi”... “Ele merecia”... “Não era gente boa”... “Me disseram”... “Você viu?”... “Eu? Não, e nem quero me meter nisso! Já bastam os meus problemas”... E aquele corpo, envolto pela lona e demarcado por fita, parecia um presente embrulhado para a curiosidade dos vizinhos e dos vizinhos dos vizinhos, que vinham em caravana para ver o cara. “Mas ninguém viu sua cara?”... “Meu caro, eu só quero passar com o meu carro, tirem esse corpo daí”...

A perícia não vinha e pelo jeito nem precisaria vir, nas janelas das casas os peritos de plantão já haviam resolvido a situação. “Perícia pra quê? Só se eles forem capazes de reviver o homem”... “Era homem?”... “Digo homem no geral”... “Mas e se for mulher? Hein, seu machista? Mulheres não podem ser mortas também?”... “Olha moça, eu não vi nada, só falei por falar, querendo ajudar”... “Deveria ficar quieto, para não atrapalhar”... Naquela hora morri de vergonha por morar naquele bairro em que os vizinhos causavam aquelas cenas. As sanguessugas se alimentavam da tragédia e defecavam suas opiniões perfeitas. Todos tinham razão, ai de quem soubesse mais.

Por não saber, e por saber que não sabia, deixei aquilo tudo e fui embora, embora a curiosidade permanecesse ali no asfalto, naquela mancha negra, isolada por fita, como uma obra de arte bendita em um museu ao ar livre, rodeada de críticos de arte discutindo sobre o seu processo criativo.

Aquela curiosidade me matava, tirava a minha atenção e, quando cheguei em casa, a primeira coisa que fiz foi ligar a televisão. Por sorte, o noticiário já cobria tudo ao vivo, e descobria que o morto, segundo as testemunhas, era uma mulher negra da favela que tinha

sido assaltada por outro favelado, quando andava em lugar indevido. Ainda, alegaram que, em determinado momento, um cachorro da raça dálmata cheirava o cadáver e que, se ninguém tomasse alguma atitude, ele poderia comer a pobre coitada.

— Mas o quê? Não acredito! Ah, mas eu duvido! - Falei em voz alta já me direcionando para a porta pela qual, há poucos minutos, eu havia entrado.

Não aguentei! Não ia conseguir ficar sem saber a verdade. Saí imediatamente de casa, correndo em direção ao local. Quando cheguei, não vi ninguém. Nem polícia, nem perícia, nem corpo e nem fita, nem estava mais ali a vizinha aflita. A rua estava cheia de lixo como no fim de uma sessão no escuro do cinema. Pacotes de pipoca e latas coloridas de refrigerante se espalhavam pelo lugar, enquanto um cachorro magrelo, amarelo, cheirava tudo querendo se alimentar. Mas outra coisa foi o que me chamou a atenção. Não era mais a lona preta que se confundia com a cor do asfalto, era uma grande mancha de sangue no chão, que querendo ou não, estava bem ali para ser vista, era o vermelho de uma ex-vida que agora manchava a pista.

Foi nesse dia que eu voltei a ver as cores, que começaram a colorir com valores, o preto e branco da minha vida neutra.

Entre pombas e urubus

por Kassîe de Carvalho

Peter tinha desejos esquisitos. Entre eles, saber voar. Sempre achou bela a capacidade de poder explorar o mundo do alto, com o vento batendo no rosto. Assim, como sempre pensou que no ar o caos se dissipa e é possível que se viva em paz.

— Por que a pomba é o símbolo da paz? - indagava ele frequentemente a quem achava estranha a sua maior vontade.

As pessoas lhe davam respostas como:

— Ora! É porque ela é branca!

Mas ele sempre fazia questão de dar-lhes a sua versão da história, explicando que as pombas são capazes de conquistar a paz com seu dom divino.

— Vocês não entendem! Os pássaros voam alto e mais alto para buscar a paz que eles não têm em terra. A pomba em especial, porque voa com graciosidade, — alegava toda vez que entrava em discussões semelhantes.

Peter queria voar, disso não tínhamos dúvidas. Matutava planos, estudava o voo, observava os pássaros - tanto os vivos, quanto os mecânicos, que foram feitos pelo homem -, mas queria sempre mais: queria fazer parte daquilo.

Formou-se aviador e, em parte, realizou seu desejo de viver nas alturas, proporcionando a outras pessoas a oportunidade de tirar os pés do chão e ver o mundo muitas milhas acima da superfície terrestre.

Entretanto, obedecendo às leis da humanidade, tudo o que pas-

sa a ser rotina deixa de ser incomum. Chegou um momento na vida em que Peter já não sentia mais emoção em voar. O ato era corriqueiro e, em uma manhã de sexta-feira, descobriu que na água, na terra ou no ar, o caos sempre está presente.

Por ironia do destino, naquela bela manhã, Peter não agiu como pombas, mas, como urubus: voou, voou e voou atmosfera afora até se perder no espaço sideral.

Uma falha mecânica podou as asas de Peter e de outras 170 pessoas que estavam a bordo. O avião pegou fogo no ar e chocou-se contra o chão numa praia deserta em algum lugar da Europa.

Encontraram as 170 pombinhas, mas não o urubuzinho Peter, que voou até que não houvesse mais ar, para que não o pudessemos encontrar.

Mia

por Kassîe de Carvalho

— Bom dia, senhoras. Desculpem o atraso...

O relógio marcava algum horário entre as 8h15min e 8h20min da manhã. Não sei ao certo porque já não enxergava muito bem. Naquele dia, os óculos tinham ficado para trás, o que significava uma adaptação melhor dos outros sentidos para garantir que eu passasse no teste do mundo mais uma vez, o que quer dizer, também, que essa história pode ter até gosto. Não me culpem.

Enquanto o ponteiro maior do relógio se posicionava entre os números três e quatro, ela adentrava aquela grande sala lotada de senhoras simpáticas beirando a terceira idade, embora eu não saiba ao certo quando uma pessoa chega a terceira idade. Resumindo, eram senhoras a partir dos seus 50, digamos.

Ela entrou na sala trazendo o ar da primavera junto consigo. De repente, senti aquele cheiro adocicado e vislumbrei cores mais vivas e vibrantes a minha frente. Parecia que a sala acordava naquele instante. Mia entrou desculpando-se pelo atraso de quase 20 minutos, que tivera. O início da aula estava marcado para as 8h. Sempre estava marcado para as 8h. E ela nunca havia se atrasado. Saudou as senhoras e desculpou-se. Pelo jeito, ainda não havia me notado sentado rente à parede, à sua esquerda. Continuou interagindo com as senhoras.

Mia era por si só uma pessoa doce, dessas que fazem você sorrir a qualquer custo, em qualquer situação. Acabara de se formar na faculdade e agora prestava serviço voluntário as terças-feiras num grupo social que não visava lucros. Nas terças-feiras, aquelas senho-

ras tinham aulas de artes com Mia. Pintura em tela, no papel, recorte, criação, música... Mia fazia de tudo para vê-las alegres, depois de tudo o que passaram. Como sabia pelo que elas tinham passado? Mia sempre sabia. Sempre fora assim. Mas isso não era truque de mágica, não... Ela sabia por que queria saber.

Quando pequenininha, Mia ia a nossa casa todas as manhãs tomar café com leite. Nossa casa era um lugar sempre repleto de pessoas e Mia era parte da nossa rotina. Chegava sempre sorridente, pegava a sua xícara com o pingado quentinho e se sentava à beira da varanda. Sempre que alguém se aproximava dela, com aquele olhar acolhedor e meigo ia logo perguntando:

— Qual a sua história?

E as pessoas lhe contavam suas histórias. E ela ficava feliz com aquilo.

Quando começou a frequentar o grupo social, como professora de artes, Mia pediu a cada uma qual era a sua história. E elas contaram, porque Mia cativava as pessoas. Nenhuma tinha uma história fácil, então ela sabia da importância em ser gentil com todas elas e com todas as pessoas do mundo, afinal, todos têm momentos difíceis nas suas coleções de histórias.

Aparentemente, a turma retribuía a gentileza que ela exalava.

Enquanto eu me perdia em pensamentos, lembrando de como era a pequena Mia e de como era magnífico ver aquele pequeno grande ser humano se tornando alguém que fosse fazer a diferença na vida das pessoas, algo nada habitual acontecia lá na frente. Em poucos segundos, sua mesa estava rodeada de senhoras e um choramingo se escutava, abafado no meio da multidão de mulheres.

Como se fosse coreografia, todas elas se abaixaram em frente à classe de Mia enquanto ela dizia por entre lágrimas e soluços:

— Meu avô morreu.

O relógio ainda marcava alguma coisa entre as 8h15min e 8h20min, mas, agora eu entendia por que ela ainda não havia me visto naquela sala.

A incrível e triste história do homem petrificado

por Leticia Copatti Dogenski

Nestes campos verdes de solidão e longitude se vê de tudo calhar quando o destino se intromete. Lídia já perdia as contas das tantas esquisitices admiradas nos anos de vida sobre aqueles torrões: desgraças brotando do chão, promessas vindas do céu. À despeito da descrença alheia, batia no peito ao narrar o revés daquele seu vizinho Nicolau, na tarde em que se pôs à varanda de casa a rosnar o desagrado para com a tempestade ruidosa a cair, e acabou por receber dos céus um raio estourado dentre os ouvidos que o fez perder a fala por uns tempos; também jurava de pé junto que, no anoitecer de um verão há muito ido, viu a breve escuridão se acender num fogaréu rastejante, um abrasar andeiro que só podia ser façanha de boitatá; garantia já ter esbarrado no diabinho Sanguanel, repousando das traquinices madrugueiras num toco de pinheiro, afora os uivos longínquos que sempre ouvia nas noites de lua cheia, decerto desaforos de um lobisomem no desvario da metamorfose. Nunca vira bruxas, mas acreditava; nunca vira fadas, mas por certo também existiam. E mesmo que conhecesse as mais diversas credices, não pôde evitar o sobressalto no dia em que se viu diante daquele novo e insólito extravio da natureza.

Recém estiado o breve outono, aproveitando o findar dos aguaceiros de março, Lídia se permitiu uma tarde sossegada na companhia da amiga Terezinha. O potreiro que separava as duas moradas era uma vastidão de ervas rentes como mate novo, o que a permitiu,

de pronto, distinguir aquele corpo acorçado e vestido com os musgos do tempo, mas ainda evidente em seu cunho. Era uma coxilha diminuta em meio ao prado alinhado, sentado sobre os garrões e tapando a fronte entre os joelhos na vã resolução de se guardar do aferro solar, ou numa posição reminiscente de quando a chuva veio forte e duradoura na semana anterior. Abeirou-se demorada: quiçá fosse um bicho novo, um terneiro adormecido sob o zelo dos barbas-de-bode ou no amedronto do aparte dos cuidados da mãe; quem sabe fosse uma vida em angústia, jacente sobre suas dores, carecendo de suas benesses. Espantou-se, portanto, ao perceber que aquela mímica abandonada no campo não dormia, sofria ou aparentava sentir coisa alguma, uma vez que tinha a derme pétrea e se encravava ao solo como se pertencesse à Terra desde o seu princípio.

Atentando cada passo, indagava a si mesma como seria possível. Já contemplara afronta de raio, fogo de boitatá e até o remanso do infatigável Sanguanel sem jamais se fiar a ambiguidades. Mas ter diante de si um furúnculo do mundo, arrolando-se numa defesa amedrontada como se tatu-bola, fazia-a pela primeira vez desconfiar da fiúza de suas vistas: “Duvido alguém no mundo já ter visto uma coisa dessa”. O montículo não tinha qualquer dos dotes que a natureza dá ao homem, conservando só algumas lembranças de sua humanidade inclusa na rocha que o sepultava num perpétuo exílio. Não se viam os dedos de pés ou mãos, apenas os vincos que revelavam a extensão dos membros, como também não se percebiam pelos que rebentassem da tez petrosa, que se deixara tomar pela relva. Lídia esfregou os punhos nas pálpebras no esforço de livrá-las da miragem antes de admitir a figura como legítimo achado. No alvoroço do encontro, não prosseguiu sua senda à casa de Terezinha, mas regressou os passos na veemência de propagar a nova ao esposo. “O Zeca que vai ver dessa vez”, ia pensando e tropicando na urgência.

Nunca fora creditada em seus contos de boitatá ou Sanguanel, e nas noites de uivos do lobisomem Zeca ria de seus pavores e avidez em cerrar bem as janelas. Mas era inegável a presença das fuças do criatura de pedra no potreiro: cercou-o, chamou de “psiu”, estendeu o dedinho contra os musgos grudados em suas costas sem que

houvesse negativa ao toque. Durante o trajeto em retorno, matutou todo o tempo sobre como juraria a Zeca, de joelhos no chão ou pela santidade do matrimônio, que um sujeito lá jazia petrificado como um dedão de pé descalço no inverno. O embargo de persuadir o esposo não era coisa simples, mas como partiam da mesma teimosia, Lídia não se resignava até que finda a discussão. Zeca debochava das fábulas costumeiras da mulher, dizendo que “Amassa o cabelo no travesseiro e culpa o saci, vê homem feio e xinga que tá virando bicho”. A mulher, porém, dava de ombros a censura, instigada pela boa visão que Deus lhe dera e assegurada na diagnose médica anual, bem como a contingência de seus julgamentos certos através dos anos. Ao chegar naquela tarde esbaforida pelo encontro inusitado, logo disse ao velho Zeca que “Se não acredita, vá ver”.

Ainda saiu a chutar o cascalho das travessas rumo às casas da vizinhança, para dissipar a notícia a quanto mais gente fosse possível. O pátio de Seu Armelindo, futriqueiro nato e de índole muito considerada por só espalhar fofocas autenticadas por uma testemunha visual, já irrompeu aos berros de que “Um dos maiores acontecidos já vistos nesse mundo tá ali no potreiro entre minha casa e de dona Terezinha”. Chamou uma piaçada que batia bola num terreiro e lhes deu a incumbência de espalhar o mexerico a qualquer viva alma que encontrassem. Despedia-se nas rápidas visitas acenando um até- logo que, mais tarde, aguardaria a todos no campo para lhes mostrar a estranha pedra. Deveras, Lídia correu de volta ao local e esperou pacientemente a vinda dos compatriotas. Quando eles chegaram pulando as cercas de arame farpado que limitavam os poteiros, recitou versos de acolhida, ansiosa de ostentar sua descoberta ante tantas faces ressabiadas. Ergueu a voz no testemunho de seu conhecimento e o costume de seus olhos diante das coisas absurdas do mundo, e descreveu a pose de resguardo do homem como inescusável ao fatídico ato de ser.

Aquele mundaréu de curiosos atulhou a paragem de questionamentos. Os visitantes lutavam contra o sol pelo direito de arregalar as pálpebras ante tamanha estranheza, e mesmo Zeca não era capaz de negar o que via. Sob o sol do outono fresco, a pedra agachada

sobre si mesma e velada por gramíneas parecia ser a revelação indubitável da competência geracional do antro da Terra, um rebento mundano a despontar no potreiro entre as moradas de Lídia e Tereziinha. Chegando Seu Armelindo, porém, os burburinhos de apreensão deram lugar à calada da espera. Sua postura bem reta como pouco se via naqueles homens de colunas vergadas pelo peso do trabalho e do tempo, o óculos pequenino pendurado no nariz como os intelectuais nas capas dos livros, o sacudir das sobranceiras grossas como se o engenho dos pensamentos se apoiasse nos pelos da face, tudo lhe esculpia um ar astucioso. Atentaram-no em suas observações, de mão no queixo a circundar a criatura, e aguardaram seu parecer que, não apenas veio certo, como apontou novos sintomas: “É mesmo um homem de pedra”, disse, “Mas se pararem para ouvir, o coração que lhe bate é pura carne!”.

No momento calado de suas curiosidades, contou, pudera ouvir um tique-taque profundo e abafado, mas muito bem conhecido por ser o sinal indiscutível de que a presença de meu Deus habita aqueles interiores. Era um bumbo a reverberar através de terra, rocha e erva, um cordão umbilical intacto com a mãe que o permitia brotar em sua própria existência. Lídia, que devota às superstições assentia como verídica qualquer bizarrice, mal conseguia conceber coisa tão inusitada. Quando deu com as fuças no homem de pedra, não ouvira ressoar coisa qualquer que sugerisse ali uma pulsação que não a sua própria, mesmo que a natureza se aquietasse para ver se dar aquele encontro. Quem sabe a vida lhe surgira há pouco, pensava, ou as palavras de Seu Armelindo desviavam a perícia de seus ouvidos, ou até mesmo o atual momento fosse mais oportuno, que já superava o susto da descoberta. Ao verificar por si mesma, apoiou as orelhas no pedregulho e se permitiu ouvir os batuques daquela vivência, confirmando num clamor de: “Venham e escutem!”, ao que o povo se lançou um sobre os outros na afoiteza da averiguação.

Estavam pávidos e inquietos ante o cerne palpíte que percutia na manutenção daquela santa vida, pequeno filho de Terra e céu incumbido de alma nas piores condições de corpo, feito espírito sem o ser. Nos dias seguintes, peregrinavam de encontro à pedra por puro

desvelo. Cravaram sombrinha aberta em seu encosto para que se aliviasse do sol e da chuva, regaram as gramas de seu serro para que aproveitasse o direito único de florir, ofereciam-lhe pão e água esperando desvendar sua maneira de alimentar-se. Não sabendo de história nenhuma de pedra ter fome, nutriam sua alma legítima pelo retumbar de seu antro, zelavam e acarinhavam seu corpo imóvel, contavam-lhe causos para distrair seu permanecer eterno. Na consagração de ser rocha e merecer a vida, andavam a seu encontro e oravam por suas graças e interseções aos céus que o geraram em milagre. Obstante às sombrinhas abertas a oferecer sombra e os verdes crescendo sobre sua existência, indiferente a pão e água, zelo e prosas, o pedregulho erodido pelas chuvas do outono, provido de feição pela natureza num momento descuidada, reverberava em seu antro nada mais do que o riso cretino da terra.

A aranha e a parede

por Marcos Antonio Bulgos de Andrade

Manhã de sol. A vontade tarda a chegar. O café fresco, com biscoito de manteiga e um cheirinho no guri. Escovar os dentes e pronto, o sono se foi.

O trabalhador carrega a caixa, a enxada junta a areia, mistura com cimento e cal, que dá melhor liga. Recolhe tijolos pesados sob o olhar atento do guri. Pega a colher de pedreiro, pede o trabalhador ao menino.

Principia o serviço. Areia, cimento, cal, água e enxada, mais enxada. A massa está pronta. Vai massa, tijolo e o fio para servir de guia. Vai massa, tijolo; vai massa, tijolo e suor. O guri espia.

— Pai, não dava pra fazer o cimento com barro?

— Antigamente era assim. Tijolo é barro cozido. Cimento é pedra calcária misturada com argila. Cal é pedra calcária britada e moída.

A parede vai crescendo, diante dos olhos do guri e do trabalhador.

Hora do descanso. Um bom banho. O jantar está na mesa meus amores, diz a mulher zelosa. O pequeno já caiu no sono. A cama está quentinha.

Outro dia. Pá, enxada, cimento, cal, areia, água e vontade. Mistura, mistura. Tijolo, massa; massa, tijolo. A parede está quase pronta.

E mais um dia termina. O menino, o trabalhador e a mulher zelosa adormecem em paz. Eis o lar.

Na manhã do terceiro dia o trabalhador precisa buscar o sustento e deixa a parede para o outro final de semana. A mulher zelosa também precisa ajudar no sustento. O guri vai para a escola. Meio turno, feito a mulher zelosa. A casa é seu abrigo. Ele olha a parede secar com o sol amigo.

A mulher zelosa cuida da casa. O guri se diverte com os caramujos que encontra escondidos nas raízes e folhas das folhagens mais tenras.

É tarde. O homem chega cansado. O guri pula em seu colo. Um cheiro. O jornal da TV. Uma oração antes do jantar. A cama.

O final de semana demora a chegar. O guri está ansioso.

— A parede, pai? Quer saber. Os olhos brilhantes.

— O final de semana é o dia do trabalhador, bem sabes.

— Tá. Responde resignado o guri.

A mulher zelosa sorri. Está crescendo tão depressa meu cheirinho...

O sábado chegou. Viva. É massa, enxada, pá, cimento, suor, areia, descanso com bolo e suco, tijolo e guri. Pronto. Falta só o reboco.

— Reboco, pai?

— Outra mistura, com uma areia branquinha, fininha como teus cabelos.

— Meus cabelos não são brancos! Reclama e toca conferir, pra ver se não se enganou.

— Domingo um churrasco, porque trabalhador merece. Neste vamos descansar, guri.

— Mais uma semana! Suspira, aflito.

— Paciência e respeito - diz o trabalhador - com o tempo, com o trabalho, com o corpo, para não adoecer. Temos que amar o que fazemos.

Novo final de semana de mistura, guri bulindo com formigas, carrinhos de ferro e bolita. Trabalhador na peleia, sem dor. Sorrindo.

Sorrindo de amor pelo guri e pela mulher zelosa. Pronto. Agora é esperar secar.

— De novo! - Torna o guri a suspirar, em sua inocente paciência.

— Paciência, paciência... O mundo não vai acabar.

Mulher zelosa prepara um manjar. Cuca, pudim, suco engarrafado, com gás.

— Sábado ou domingo? Quer saber o trabalhador.

— Domingo. Teus pais vêm aí. Meus pais, os irmãos e os primos.

Domingo, o menino acorda iluminado. Com o muro havia sonhado. Uma aranha descera do telhado.

— Ela fez uma teia no muro todinho, pai.

A parentada. Churrasco outra vez. Risadas. Meninada correndo em algarra. A felicidade está ali, naquela casa iluminada.

Ah, é natal e o guri faz anos. Algo havia, com certeza. Muitos presentes da parentela. Carrinho, bola, gibi. Giz de cera colorido foi a mãe zelosa quem lhe dera.

Menino fica a olhar para o trabalhador. Sente uma pontinha de dor. Meu presente, esquecera?

Trabalhador sorri. Vem o bolo. Guri sopra as velas. Todos cantam parabéns. Pai trabalhador abraça o guri. Pega ele pelo braço e o leva ao quintal, onde construiu um muro alto, branco, sem igual. É teu. Pinta-o com teu coração. O guri pula de emoção. Estava pensando, ele diz, pra que pai está construindo um muro sem serventia, no meio do terreno? E toca a desenhar e pintar, com os primos na companhia. Seu primeiro desenho uma casa, três pessoinhas de mãos dadas.

A aranha, danada, que lhe assombrara o sonho com teia e tudo, fica no alto do muro, espiando, calada, só esperando o guri dormir para entrar em cena. Se tivesse boca de sorrir, sorriria; se tivesse boca de falar, diria: Eis a felicidade aqui.

Deus e o diabo ?

O princípio de tudo

por Marcos Antonio Bulgos de Andrade

Certa feita, Deus e o Diabo estavam travando um diálogo, quando Deus resolveu mostrar ao Diabo sua nova criação.

— Venha, vou lhe mostrar o que andei inventando nestes dias.

— O que pode ser agora? - disse o Diabo, já todo enciumado.

— Olha. O que você acha? Parece bom, não é?

— Humm, gostei. E como você vai chamar isso?

— Vou chamar de homem. Ainda carece de umas melhorias, mas ficou bueno, não é tchê?

— Claro. E de onde você tirou a ideia?

— Ah, veio assim, do nada.

— Não brinca, vai! Fala a verdade, você copiou de alguém?

— Bem, na verdade eu fui a um workshop de moldura em barro e aí veio a ideia.

— Pois é. Eu também fui a um workshop e criei algo, embora eu ache que esses workshops só servem para tirar a grana da gente. Mas, vamos lá em casa que eu te mostro minha criação.

Desceram das nuvens e rumaram para o inferno. Lá fazia um calor de matar bode.

— Lugarzinho bom esse para dar acabamento às criações de barro, já que a temperatura aqui ajuda no cozimento - disse Deus, para agradar ao Diabo.

— Sinta-se em casa primo - respondeu o Diabo em meio a um sorriso. Vem, a obra está lá nos fundos.

— Olha, essa é minha obra prima - falou o Diabo, sorrindo faceiro, cheio de orgulho.

— Humm, interessante. Não tem pernas, não tem braços, não tem asas, só cabeça, pescoço e essa língua enorme bifurcada. E como você pretende chamar sua obra?

— Cobra. Vou chamá-la de cobra.

— Cobra! Interessante. E depois dessa você vai criar mais alguma coisa?

— Bem, vendo o que você criou, se me permite, acho que vou dar uma copiada, mas vou fazer um pouco diferente, com mais tutano, mais malícia, mais cadencia nas cadeiras, sem aqueles penduricalhos sem graça.

— E como você vai chamar sua nova obra, tchê?

— Cobra eu já tenho uma, então essa eu vou chamar de mulher.

Hora do lanche

por Marcos Antonio Bulgos de Andrade

Dexter desce do carro. Uma Ferrari vermelho vivo. Ele veste um blazer Armani Exchange bordô, sobre uma camisa também Armani, branca com pintas pretas, de gola, sem gravata. A calça é Pierre Cardin, em Jeans. O relógio, um Rolex presidente, com numeral verde. Seus sapatos pretos com detalhes em branco, brilham à luz da lua. Anel de formatura com pequenas pedras de rubi ao centro, detalhes da balança e espada nas laterais; dentro do círculo, suas iniciais. Os olhares femininos logo o percebem na entrada da boate. Ele é só sorriso. Seu semblante suave e os olhos verdes vivos, mesclados com a cor parda de sua pele, dão o tom final ao seu estilo.

Ele pede uma dose de Dalmore 18 anos, à lamanière de Richard Paterson. A noite está começando. Seus olhos diligentes buscam uma fêmea para saciar sua sede alfa. Logo avista uma presa. Uma linda morena cor de jambo, com requebrado malicioso nos quadris, cabelos longos, negros e ondulados.

Seus olhares se cruzam. A morena requebra na cadência da música alta que toca. Ele avança manhoso. Observa que a moça, ainda jovem, se faz acompanhar de três amigas, no frenesi da dança. Elas cochicham e riem da sua aproximação. Uma delas, a que parece ser a mais nova, dá um leve toque na morena, indicando com os olhos que ele a está observando. Ela sorri.

Ele avança e pede se pode acompanhá-las na dança. Elas concordam. Eles dançam durante várias horas, enquanto a conversa segue animada. Depois, já cansados e com seus corpos suados, resolvem se afastar para um diálogo mais tranquilo. Ele pede uma água para se hidratar e refrescar o corpo. Ela compreende que ele quer

permanecer sóbrio, o que julga bom. Eles conversam mais um pouco e resolvem se dirigir a um local mais reservado. Ele a convida para ir ao seu apartamento. Ela, em princípio, pensa em não aceitar, mas, diante daquele sorriso e daqueles olhos verdes magnéticos, resolve ceder.

No apartamento ele prepara uma bebida e põe uma música suave para tocar. Eles dançam e o primeiro beijo acontece. Entre beijos, abraços e mãos ligeiras, ela pede se pode tomar um banho rápido. Ele concorda e indica o toilette da suíte, onde tem uma banheira de hidromassagem. Pode ligar, ele diz, ela está equipada para liberar ervas aromatizantes e relaxantes. Enquanto isso, ele se banha no banheiro social.

Quando ela sai do banho ele já a espera deitado, nu. Então ela deixa cair a toalha que lhe cobre, pondo a mostra o corpo escultural com o qual a natureza a brindou. Isso excita os sentidos de Dexter. Ele fica pronto no ato. As pupilas da morena dilatam. Seu olfato, altamente aguçado, a põe pronta. Ela senta no colo dele, abraçando-o forte. Ele fecha os olhos e a invade com volúpia. Enquanto aquele corpo moreno e bem formado se deixa invadir, Dexter, num misto de prazer e dor, sente mortais caninos em seu pescoço, do qual jorra um sangue vivo, quente, cheiroso e suave, como o néctar dos deuses, no mesmo instante em que garras afiadas lhe rasgam a pele em tiras, não mais perfumada.

A dança da morte

por Miguel Augusto Guggiana

— E aí, conta um caso pra nós?

— Amigos, tá na mão do artista, porém, pra começo de conversa, tem duas condicionantes: gazapina, das de garrafa, não pode faltar, e não me interrompam. Me deixa puto da cara ficar dependurado em uma vírgula no meio de uma prosa. Entendidos? Compadre Arquimedes, organize a roda! Garçom, te mexe, traz a primeira! Claro, te espero. Bem, todos na escuta, tudo nos conformes? Vamos lá.

Conheci o Pereirinha, de saudosa memória, homem do bem, lidimo representante da maioria branca desassistida, de poucas oportunidades... Sabia, quando muito, a, é, i, ó, u, fazendo carreira como funcionário público meia-boca da Coletoria do Estado. Sujeito tímido que só ele, não fedia nem cheirava, anônimo, quase fantasma, a ponto de na repartição andar de pantufas, arrastando os pés em passos de ladrão no parquet, de modo a não se fazer notar. Muito raramente, de quando em vez, jogava conversa fora escutando as estultices dos colegas na hora do cafezinho. Assim como entrava silencioso, saía calado, dirigindo-se pro seu canto onde desempenhava sua tarefa carimbando e colocando selo - molhando com a língua - na papelada que lhe deixavam à mesa. De gogó proeminente, peito de pomba, nariz de boxeador, pé chato, olho de cerveró, meio careca, bigodinho de Hitler conspurcado de birita e fumo, junte-se a isso, dono de abdômen marcado - globoso, dizem -, resultante de sua infância sofrida. Muito chorão, talvez insatisfeito com o leite fraco do peito mirrado da mãe, posteriormente, panela pobre - a mãe, para acabar com o berreiro, dizia sempre: “guri, engole já esse choro!”. E aí, ele engolia! Pois bem, já viram de onde saiu o barrigão do Pereirinha. Diz a lenda!

A fim de coroar a figura escroncha, vestia-se de antigo, com aquele terno riscado, já amarelado pelo tempo, e com a gravatinha borboleta encardida. Para enterrar de vez sua imagem, dizem que já nasceu com cara de abostado. Pode?! Esse é o nosso herói!!!

Aposentar o Pereirinha foi uma missa... Sua vida de uma hora pra outra de patas pro ar! Não conseguia admitir que ele, o melhor lambedor de selos da comarca, competente no que fazia, fosse jogado, assim, num de repente, na rua da amargura, atirado na sarjeta pelado e de mão no bolso, sem pelo menos “um muito obrigado”, um bolinho de despedida, nem um miserável dum tapinha nas costas, uma palavra, mesmo que insincera: “que falta vais fazer, amigo!”. Já não servia pra nada. Que situação mais encardida! Como sempre, graças à intervenção da Dona Rosa, sua diletta esposa, que o acolheu de forma segura a fim de que pudesse curtir seu ócio dignamente, o casal conseguiu estabelecer uma rotina caseira, onde o anonimato também se fazia presente, a ponto dos vizinhos os acharem fora da casinha.

Novos hábitos, com o Pereirinha todo dia em casa, foram adotados. Viviam os dois compartilhando a mesma solidão, numa mesmice só: escutavam de mãos dadas a missa das seis da manhã, na voz do padre Antão, pela Rádio Fantasia; tomavam café juntos naquela cozinha grande; ele se aboletava na cadeira de balanço e embalado suavemente, creck, creck, dava umas pescadas com o radinho de estimação ligado; pelas onze da matina tomava uma pra aclarar as ideias e espalhar o sangue; de quando em vez, Dona Rosa, nas horas certas, dizia carinhosamente ao pé do ouvido, com aquela vozinha gasta: “paizinho, tá na hora do remedinho”. E assim seguiam o tranco do dia na mesma calmaria daquele cotidiano manso até chegar a noite, quando o homem, então, se transformava. Era um love só!

Infelizes!? Essa tua visão era a mesma da vizinhança. Não, Justino! Não! Que mania as pessoas têm de quererem que suas predileções e comportamentos sejam os mesmos dos outros? Quem disse que o lado avesso não é o certo? Que o preto não é colorido? Que as gordinhas não são gostosas? E que dizer, então, do anzol que pra ser bom é torto? Cada um sonha como pode e sabe, e são normais a seu jeito. Que coisa! Puxa vida!

Já, Dona Rosa, sempre ligadona que nem bico de luz. Era quem segurava as pontas do dia a dia da casa: cuidava da horta, fechava as janelas e portas quando se avizinhava tormenta, costurava, lavava os mijados do marido, administrava os pilas miseráveis da aposentadoria do esposo - que se não o carimbava como pé rapado, também não o colocava como alguém nadando na bufunfa - e, sobretudo, pajeava o Pereirinha. Bem, ele era o homem da casa.

Pode-se dizer que eram muito casados. Unha e carne, carne e osso, sempre juntos, dois em um. A seu modo, viviam a vida.

Mas, mesmo para o marasmo daquela vidinha pé no saco, o tempo, implacável, corria solto, e, a essa altura do campeonato, quando se desencadeou o infausto, a folhinha revelava muito mais anos passados do que futuros. Na verdade, é bom que se diga, se conheceram, ele como Pereira, ela como Rosinha. Tempo corre, corre, dizia lá atrás, lembram? Marcando a cacunda dos dois, ele definhando, perdendo estatura, tísico que só, mas mantendo a barrigona, atrasando cada vez mais as ideias - ficando Pereirinha. Ela adquirindo fortidão, crescendo pros lados, a barriga se confundindo com os peitos - daí, Dona Rosa. Ceguetas, carregavam artrose, dor no peito, a tal doença do Parkinson, e, notadamente, ele, naqueles últimos dias, muito mais avoado do que nunca, pela perda de seu bem maior. Entenderam?

— Eu aqui do fundo, posso perguntar?

— Fiz toda essa conversa fiada de modo a pensarem, pensarem! Que o Pereirinha era só um boca aberta. Ledo engano. O homem, também, macho de nascença, cumpria religiosamente seus deveres conjugais, batia o ponto de forma regular, e, algumas vezes, mesmo até fora dos dias certos, arrancando da sua companheira, a cada embate noturno, grunhidos, gritos de ai! aiiii!!! ui! uiiii! secundados de uivos: socorro, Jesus! Benza, Deus! Meu São Jorge! Culminando sempre com suspiro de dois metros, seguido de um ufaaaa! de olho revirado. A noite era uma festa. Feito o serviço, ciente de seu dever cumprido, como todo bom consorte, virava-se pro lado, ainda com cara de quero mais, roncava, babava pelo canto da boca e soltava sonoros bufidos. As manifestações lúbricas, de prazer, sinalizadas pela

fiel companheira, incentivavam-no a ser o homem que era. Mas não pensem que se comportava como um predador, não! Posso afirmar, de fonte segura, que era marido ficha limpa, mulherengo de uma mulher só, a ponto de nunca ter riscado fora da caixa, ficando aquele temperamento excessivamente lascivo circunscrito ao seio daquele lar. Portanto, podemos pensar que Dona Rosa, no quesito, podia se considerar uma mulher de sorte. Disso não tenho dúvidas.

Acho, quase com certeza, que o nosso herói, agora que falo - reforço, sinhozinho queimando óleo cinquenta -, talvez instintivamente tentasse compensar sua feiura geral e parafusos a menos em sua cachola com sua aptidão pela luxúria caseira. Sempre fora uma coisa feia por demais. Já Dona Rosa, quando Rosinha, teve seu momento nobre, podemos dizer, ao conhecer o Pereira - flor feita de açúcar união, do refinado, pra confeito de bolo: redondinha, bundinha de aranha com aquela cinturinha de meio palmo de diâmetro, cabelos cor de fogo, crespos encaracolados, descendo naquelas curvas desaforadas, as tetas, então? Tudo de bom, dos deuses, aperfeiçoadas pela mão boba do diabo! Nunca, na minha vida de contador de caso, imaginei iguais! E até hoje, quando me refiro a ela, Rosinha, no seu todo harmônico, a desenho com caligrafia bonita.

Bem, seguindo, Pereirinha definhava a cada noite naquilo que era seu forte, já não era mais o mesmo a ponto das tentativas darem quase certo a cada morte de bispo. Meu Deus pensava, agora, que fiasco! Aquela rigidez de tão bons feitos, por capricho da natureza, assim sem mais nem menos atirada na lata do lixo, fazendo corpo mole, e ele administrando a massa falida! Que que a Dona Rosa estaria pensando dele? Não, não, não, preferia a morte, mas antes daria a saideira, de modo que a viúva ficasse com essa imagem, e ele, então, partisse para o além de forma honrada.

— Disfunção erétil!

— Que nada, num bom português: BROXA!

— Dr. Sócrates, Professor, conversas paralelas, não. Num daqueles dias, entronado como sempre na de balanço, creck, creck, o destino conspirou a favor para que alcançasse seu desiderato, quando uma nesga de sol furou o postigo da janela, lançando fulgor em seu

colo, fazendo com que, através do calor, se manifestasse dadivosa reação nervosa sobre seus vasos sanguíneos, e, por conseguinte, deixando de prontidão aquele a quem mais prezava, pronto para o que desse e viesse. Seu radinho, de forma solidária, intrometeu-se, tocando uma lenta daquelas de chorar, besame, besame mucho, como si fuera esta noche la última vez*; seu olhar mareado vislumbrou o climão que prometia: um vulto lavando louça. Enfim, enxergou aquilo que queria ver: a velha Rosinha, em carne viva, com tudo no lugar. Revigorado, exultou de prazer: é agora ou nunca! Dessa vez não erraria a bocada, traçaria aquele corpo, no capricho. Levantou-se, trêfego, caminhou decidido aqueles dois metros intermináveis, abraçou Dona Rosa pelas costas, pronto para o bote, com o que precisava de prontidão, quando - eu sempre digo, e repito, tragédia pouca é bobagem - a coisa desandou de vez... De novo, mortinho da silva ! E aquele momento, verdadeiro filme de terror, daqueles da Warner, em cinemascope, se apresentou na tela. Pode, amigos? Pode?

— Broxou? Que fase!

— Acontece!

— Que mico! Mas nem com banda de música!?

— Cruel!

— Silêncio! Silêncio, assim me perco na fala! Pereirinha levou um baque: quequeeufaço?, quequeeufaço? Perdidão naquele vai não vai, vai não vai, pensou: engatar um meia-volta, volver? Dar uma marcha à ré de inopino!? Um contrapedal? Sair à francesa? De que jeito? Não sei como, e também não me interessa, um passarinho soprou-lhe na orelha: disfarça, disfarça, DISFARÇAAAAAAAAAAAA! O bicho veio, a partir desse recado, improvisou, assim do nada, num raro lampejo de lucidez, num interregno de milésimo de segundo, aproveitando a música que insistia em rodar no ar: besame, besame mucho, que tengo miedo a perderte, perderte después... E disse, com a voz mais açucarada do mundo no cangote dela: “vamos dançar?”. Um baita feito para quem nunca dizia nada com nada. Dona Rosa, mal acreditando no que via, virou-se, trêmula de amor: “ só se for de rosto colado”.

Abraçaram-se e, juntinhos, seus corpos tão díspares, encoxaram-se num encaixe perfeito, onde as entrâncias e protuberâncias de cada um falavam uma única linguagem, naturalmente, deslizando naquele piso sebento, num dois pra cá, dois pra lá apaixonado, em que os três, ele, o amor e ela, transformaram-se num só, e atracaram-se, então, a bailar a morrer. A princípio, vagorosamente, mas, à medida que os acordes lentos aceleravam, ele se deixou levar num rodar só, dependurado no pescoço dela, cingido por abraço gordo, unidos, pareciam não tocar o chão, quase levitando. E assim foi até a noite, quando, então, a morte, caridosa, em seu socorro veio buscá-los.

Que falar da causa mortis?! Pereirinha foi falecido certamente por tristeza mortal. Nunca, nunquinha da vida, conseguiria imaginar que ele, macho de raiz, nascido de cueiro azul, em seu último ato, fizesse aquele papelão, e ainda por cima tirar Dona Rosa para dançar - coisa de bundinha! O que ela estaria pensando dele? Sofreu pouco, deu o mestre na hora, nem sentiu rodopiar sob aqueles acordes que teimavam em impregnar nas paredes e no ar: besame, besame mucho, como se fuera esta noche la última vezzzzzz...

Bem, ela, pra mim, defuntou-se de alegria, felicidade, agradável e violenta surpresa. Quando iria imaginar que seu homem, de quem sempre pensara impossível um apelo tão romântico, se transmutaria daquela carcaça grosseira, e, em seu último gesto, procuraria agradá-la, tirando-a para dançar de rosto colado na cozinha? Era tudo o que uma mulher podia querer. Morreu, posso dizer, feliz para sempre.

Mister se faz dizer, ela via nele a figura paterna, grata por tê-la tirado da sarjeta, ainda florzinha de primeira mão, e lhe oferecido vida digna. Fazia tudo para agradá-lo, mesmo sofrendo sob seu jugo. Só Deus sabe quanto penava naquelas transas com hora para começar, mas não para terminar, a ponto de gritar, uivar, de dor, terrível desconforto, agoniando com aquela pança em cima dela, aguentando bafo de onça e sovaco podrido, sufocando-a, quase tangenciando óbito, chamando o Senhor e todos os santos em seu socorro. Pelo menos tirasse o boné do Grêmio e aqueles óculos fundo de garrafa. Ela se violentava nisso, nem tinha certeza que gostava de homem. Mas, também, reconhecia: além de estar no seu direito, era o único defeito do Pereirinha. Aguentava no osso dos peitos.

— Posso explicar?

— Agora não, Nelson!

Estou no fim do caso. Quando percebeu que seu Pereirinha partira em seus braços, lá pelo fim da tarde, no lusco-fusco da noite, entregou-se de vez. Ele não iria sozinho, mesmo com todas as dúvidas, certezas daquela relação, aquele último gesto a cativara eternamente, fazendo com que, ali, na última hora, passasse uma borracha no que não gostava.

Acharam o corpo no outro dia.

— Ué, não eram dois?

— Amigos, foi impossível separá-los de tão colados um no outro, a ponto de não se identificar quem era quem. Morreram como viveram, grudados.

— Posso perguntar? Como encontraram? Eles viviam engaiolados na casa, longe de tudo e todos...

— Pera aí! Não tinha falado no Chuvisco? Era o cusco do casal, daqueles bem vagal, com currículo invejável. Só da carrocinha da Prefeitura tinha fugido mais de dez vezes, embarrigara metade das cadelas da vizinhança, cocozeava a porta da Igreja só pra inticar com o Padre, isso pra começo. No dia seguinte, esperto que só ele, notou que algo acontecera, quando não ganhou da Dona Rosa o desjejum canino - resto de canja de galinha - que pobrice! E, então, por inteligente ou louco de fome, botou a boca no mundo. Aí a vizinhança correu... Simples assim, sem mistério.

Bem, amigos, em resumo esse é o caso de hoje. Sei que é difícil acreditarem no que contei. Eu que invento, custo, imagino vocês... Mas que aconteceu, aconteceu. Garçom, a última!

— Epa! Acho que a coisa não foi bem assim! O Delegado Figueiredo, no registro da ocorrência...

— Ah! De novo, Professor!?! Sei bem a conversa que corre solta por aí, que reconheço, até pode ser verdade: que a Dona Rosa, de saco cheio do Pereirinha, um baita dum cachaceiro, naquela tarde fatídica, cheio de trago, fora tirá-la para dançar! Na cozinha! Com aquele pinto de bico de chaleira espiando pela bragueta, voando

baixinho. Ah! Não aguentou! Queres dançar? Pois bem! Agarrou-o pelo pescoço - segundo o laudo policial, foi um mata-leão -, rodopiou aquele pingo de gente até não mais poder, e deu no que deu. A mulher, vendo a lambança que fizera, e também já a meio-pau pelo esforço hercúleo, teve um ataque do coração. Na minha versão, lá atrás, ela morreu de ataque ao coração. Tem diferença!

Pois bem, vocês têm as duas versões: a minha, em que floreio a verdade a meu bel prazer, lançando as tintas por sobre as mais coloridas, e a verdade verdadeira, nua e crua, porém, convenhamos, muito sem graça. Escolham!

E tem mais! Como diz o amigo Maneco, * “só acredito naquilo que invento”, ou “tudo o que não invento é falso”, ou, se não foi isso *ipsis litteris*, foi algo mais ou menos assim... Pelo que, então, assumindo o dito do dito cujo, a minha contação é a que vale. Como sempre digo e repito: *causo é causo!*

— Eu aqui do fundo, posso perguntar?

— Não, Roque! Terminou o causo, tua pergunta fica para o próximo.

Garçom, acordaaaaa! A saideira! Gelada!

Notas:

* *Besame mucho* (em português, *Beija-me muito*) é o título da canção escrita em 1940, pela mexicana Consuelo Velásquez, antes de completar seu 16º aniversário. Segundo a mesma, teria se inspirado numa ária de ópera de Enrique Granados. Rapidamente, a canção se converteu em uma das mais populares do século XX. Emilio Turo foi o primeiro a gravá-la. Em 1999, a canção foi reconhecida com a mais cantada e gravada do idioma espanhol, e talvez seja a mais traduzida das compostas nesta língua (Fonte: Wikipedia, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%A9same_mucho).

Nelson: Nelson Rodrigues, dramaturgo brasileiro.

*Maneco: Manoel de Barros, escritor brasileiro.

Sonhos de um macho mirim

por Miguel Augusto Guggiana

Se eu conto um caso para vocês? O quê? Não, não precisa de abaixo-assinado coisa nenhuma. Sei do tamanho deste Bar e do prestígio que me confere ao emprestar este palco para que deite conversa. Garçon, pode ir, traga uma gelada e meia dúzia de pastéis fritos na banha. Sim, guardo o teu lugar. Pessoal, abram cancha pro garçon passar! Amigos, apaguem os radinhos! Cigarros, só hollywood e de palha - charuto é pra intelectual. Cerveja, só de garrafa - de latinha, nem falar. Os de chinelo de dedo se retirem - isso aqui não é bar de praia. Guardem os baralhos, fechem a porta do banheiro, que a fedentina tá grande. Enforco com um pano de prato quem se mexer, e prestem atenção. Compadre Arquimedes, controle a lotação, não conto caso pra mais de cinquenta. Vem, vem, psiu, psiu, vem, Chuvisco¹, deite aos meus pés. Tudo nos conformes?

— O pessoal só tem uma exigência.

— Desembucha, Silveirinha!

— Tem que ter mulher no meio.

— Vocês têm cada uma! E eu lá conto caso abrindo mão desse gênero? Sempre tenho muito cuidado quando falo delas, evitando rompantes que possam parecer machistas. Quantos rabos de saia já deitaram nesta mesa de Bar e foram tratadas a pão de ló?! Milhares, porém, dentro do possível, porque ninguém é de ferro. Pois é.

Este vem lá de quando ainda era gurizito ranhento, remelento, nem cabelo no sovaco tinha, tempo dourado em que era feliz e sabia,

¹ Chuvisco: cusco chinelão adotado pelo Bar

época da minha vida em que mais tive mulheres, por sonhador - por saber sonhar, de transformar qualquer coisa, num deleite carnal. Este dom, congênito, foi potencializado por ter mamado até os sete anos de idade, que, segundo meu veio, era tiro e queda pra abrir as ideias e aguçar os instintos mais primitivos. Bem diferente da gurizadinha de hoje, criadas guaxas, tomando leite ninho e comendo papinha da nestlé, com as atenções voltadas pra montar lego e ver a galinha pintadinha, quando meus olhos, nessa fase, vagavam a torto e direito, catando bonitezas onde quer que se mostrassem.

Não é que um belo dia, quando caminhava rumo ao grupo escolar, curioso, pensando nelas, de que jeito seriam, ainda indeciso quanto a preferi-las indo ou vindo, a resposta se mostrou desnuda. Consegui vê-la só da cintura pra cima, aquele olhar indefinido, fisionomia triste, quase sofredora, sendo tocada em plena luz do dia de forma indiferente, mecânica, pela figura ignóbil do turco Nacib, que, com suas mãos estúpidas, virava-a, desvirava-a, desvestia-a, vestia-a. Conheceram o Nacib, aquele que tinha uma loja de armarinhos na Sete? Bem, lembrarem dele ou não, não vem ao caso. Não acrescenta e nem desacrescenta.

— Bah! A mulher era amancebada com o turco?

— Silêncio. Silêncio, por favor. Senhores, mesmo que de relance, pela fresta que a cortina oferecia, vi tudo aquilo que meus olhos queriam ver. Se tivesse contado este caso em uma lancheria, bar de shopping, happyour de burguês, reunião de comunistas, os rotularia de seios, colo, busto, glândulas mamárias, regaços, mamas, mas aqui, num estabelecimento deste porte, só uma expressão e qualificação representa a alma deste Bar: belo par de tetas. Assim, na tampa! No direitão! Repitooooo! Belo par de tetas. E pra mim, definidor quanto a preferências futuras. Tenho dito e mantenho o verbo!

Puro cerne, duras, robustas, grandonas, aquele tom amadeirado, com riscos indicando delicadas veias, encarnando com louvor o padrão de beleza vigente naqueles anos, bem diferentes das mamicas anêmicas que batem perna por aí nos atualmente. Compará-las, à época daquela descoberta, às das coleguinhas do quarto ano, mesmo não as conhecendo pessoalmente, só de mirá-las, então, seria co-

vardia pura... Senhores, borrachos, bêbados que me prestigiam com atenção; em resumo, diria que elas eram a cara dos anos cinquenta e alguma coisa. Querem mais, lá vai: vitaminadas, voluptuosas, avantajadas, arrogantes! Tamo chegando! Presente! Eis-nos aqui! Quase que dizendo: pegue-nos se tuas mãos forem capazes! Arautos do demônio, porta-vozes do prazer. Alguém duvida? Pois bem, em não haver controvérsia, sigo o causo.

(Leitor, desculpa os exageros aí de cima. É que, quando penso nelas, me emociono por demais, às vezes chego a chorar copiosamente).

Deslumbrado - pré-escolar no quesito -, tomei aquelas como preferenciais - pura devoção, vício, mania, sei lá o quê - para todo o sempre, sem, contudo, desmerecer e abdicar o que pra mim seriam anexos, indispensáveis, é claro, pois fazem parte do conjunto do corpo da mulher... pernas, bundas, pés... Bem, não sou radical. Vamos adiante na prosa.

Minhas idas e vindas se transformaram num passeio ao paraíso, pois podia fresteá-la, sempre esnobando beleza, embora com a mesma estampa triste naquele rosto sem vida. Lembro-me dela às vezes com um tailleur verde-couve - que elegância! -; outras com saia justa, vermelhona - como lhe caía bem! -; de tubinho de broderie - que gracinha!; em roupas íntimas - que frisson!; peladona, desvestida pra festa - coisa de louco! Até que, amigos, numa dessas surgiu aquele climão quando nossos olhares se cruzaram. Batendo olho no olho, senti - até hoje quando penso nisso, estremeço todo - que, em sussurros plangentes, me pedia socorro, que a libertasse do concreto, que lhe desse vida. Para mim, já naqueles idos, sonhador emérito, com coração ainda virgem, desejo à flor dos olhos, foi fácil e prazeroso. A partir daquele momento tomei-a para mim, inteira, tetas e coração - e pasmem, locupletei-me de sua flor, até então moça, o que por muito tempo embalou meus sonhos e satisfez meus desejos de macho mirim. Mesmo nas noites mais quentes que passamos, podia fazê-la gemer de prazer, arrancar-lhe suspiros os mais profundos, gozos os mais selvagens, sem, contudo, nunca, nunquinha da vida, conseguir tirar-lhe um sorriso, mesmo daqueles meio que sem graça - tipo da Mona Lisa -, o que para mim seria sinal de que entendia

que não a considerava tão somente como mulher objeto. Algo mais brotava daquela relação etérea.

A última vez que a vi, dias antes da tragédia, foi a imagem da figura do insensível Nacib arrastando-a, como se fosse uma coisa qualquer. Quando percebeu que eu observava a cena - imaginem o flagra! -, disparou, entre grunhidos e vigoroso bafo de onça, cuspin-do enxofre, através de boca povoada de dentes cariados, que nunca viram um colgate em suas vidas, uma fala em turco, mas que consegui traduzir, mercê da criatividade que brotava de minha cabeça: guri mijado, que tá olhando, pensa que não sei de você? PUNHE-TEIRO! Fechou a cortina de ferro nas minhas fuças. Jesus amado, que cagaço! Nunca imaginei que - além de Deus, que tem o dom de ver o que não acontece - o desgranido também tinha a capacidade de ler meus pensamentos profanos. Soube mais tarde que ela foi queimada, restando daquele delírio tão somente cinzas.

— Femicídio? Que tragédia!

— Viúvo tão cedo, que lástima!

— Ué! Cortina de ferro? Te explica.

— Dorvalino, Sócrates, Zeca. Já conto o resto. Garçom, traz mais uma! Lambari frito, no ponto! Sigo. Acontece que o turco Nacib, devendo até a alma pros fornecedores, jurado de morte pelo Cachoeira, o bicheiro da cidade, com toda essa gente no seu cangote, anoiteceu e não amanheceu na cidade. Bateu pé rumo a Soledade, com uma mão na frente e outra atrás, carreando da loja a bagulhada que pôde, incluindo a manequim. Floreou um tempo por lá, até a poeira baixar, quando então abriu uma padaria e, na primeira fornada de pão cabrito, lascou a mulher dos meus sonhos no fogo. O quê? Eu nunca falei que ela era de carne e osso. Ainda disse, lembro bem: de puro cerne. Espiava-a pela cortina da vitrine da loja. Simples. O resto viajava. E digo mais pra vocês: quem sonha nunca casará com a solidão, deitará sempre em cama quente, nunca só, e tão somente pra dormir, e tudo isso sem tirar um pila do bolso. Vocês têm cada uma! Porra!

— Bah! Te apaixonaste por uma mulher de tábua?

— Sargento Tenório, era o que tinha pro almoço.

— Quem tem fome nem vê bichinho na goiaba.

— Padre Antão, não corte minha prosa, desse jeito perco o fio da meada. Essa escassez na amostragem à época nos levava a ver maravilhas, exagerando um pouco até em unha de mulher. Ou, no caso que conto neste causo, numa manequim. Bem diferente dos dias de hoje, quando se mostram toda por aí. Que vergonha.

Por oportuno, já que estamos falando delas, tá circulando nas redes um movimento forte no sentido de liberarem geral o tal de to-pless. Já digo de antemão que sou frontalmente contra.

— Há controvérsia. A beleza é direito de todos!

— Amigo Marx, não estou dando pra trás, não. Vocês sabem que não recuso doce. Nem me posiciono desta forma em nome da moral e dos bons costumes, mas por interesse próprio. Imaginem elas - as tetas - soltas por aí, em plena luz do dia, se mostrando como são, nas mais variadas formas, estados, etcetera, etcetera... Talvez, num primeiro momento, arrancando nossos suspiros; depois, bem, depois, haverá uma tendência de comparação e escolhas, achando defeito aqui e ali; mais tarde, pela abundância, cruel indiferença. Invoco até a lei da oferta e procura, já sancionada pelos nossos congressistas e em plena vigência, graças ao bom pai do céu, para explicar o que aconteceria. Muita oferta... a mercadoria sobra no mercado. Já viram!? Portanto, que, dentro dos rigores dessa lei, transitem com total liberdade. E algumas de suas donas, despeitadas, que diriam? Não, colegas de sodalício, me recuso a desmascará-las. Nunca terão meu apoio. Prefiro-as cobertas, cheias de segredinhos, ousadas no ponto certo, delicadamente envelopadas em corpinhos de fino tecido transando com pele fresca, seja da forma como for: sensualizadas num tomara-que-caia, naquele comportado com tirante rosa, ou, amigos, num meia-taça, para, então, com todo esse mistério, num cerimonial especial com sua dona, em noite de patrão, com amor, desvendá-las.

— Posso dar um talho na conversa? Eu me apaixonei por uma mulher infálvel.

— Amantino, causo encerrado. Vamos pro truco? Quem se habilita? Garçom, a saideira!

Se um dia

por Pedro Du Bois

Não há como dizer quando começou. No início apenas alguns velhos, filólogos e etimologistas se deram conta do desaparecimento de certas palavras. Coisa de velho, diziam na família. O vovô sempre foi esquecido, ainda mais agora, nesta idade. Filólogos tentavam se lembrar da construção semântica, mas, nada conseguiam. Havia a lembrança de que determinada palavra havia se derivado de outra que, por sua vez, significava algo, alguma coisa palpável para os povos de então. Mas, não conseguiam traduzir em palavras aquele objeto, aquela ação, aquele sentimento que os consumia. E, no mundo de hoje, de rapidez e superficialidade, não havia - a não ser entre eles - com quem conversar a respeito. Não podia o professor - mesmo que mestre e doutor - levar o assunto aos alunos; nem o etimologista procurar entre termos a exatidão com que, até outro dia, estava na ponta da língua. Os velhos, então, ficavam com o olhar parado em busca de socorro. Socorram-me, pensavam, desse esquecimento que me ... e a palavra não chegava ou não saía. Aos poucos, outras palavras sumiram. O mestre de cerimônias na entrega do prêmio melhor de qualquer coisa, embasbacou na frente do público inquieto pela premiação e não conseguiu concluir a frase. O repórter, ao vivo, deixou escapar a continuidade da notícia. Mesmo o professor, já não mestre ou doutor, também teve falseado os dizeres da aula. Alunos esqueciam a lição aprendida com esforço, sempre e sempre, pela falta da palavra exata. Aquela que costumava alinhar o raciocínio e fazer brotar a correção na resposta. O assunto despertou o interesse (seria esse o termo?) público. Um comentário aqui, outro esquecimento lá, algo faltando até mesmo na realização de receitas caseiras. Seminários, grupos de estudo, combinações algorítmicas, construto-

res de políticas públicas, alunos destacados em olimpíadas escolares passaram a desenvolver trabalhos sobre as palavras faltantes. O fato é que o caso se alastrou como fogo de morro... Ou chuva de morro ...

Quem entre todos seria capaz de absorver as perdas e recriar novos termos para fatos, atos, coisa, objetos, sensações e sentimentos antigos? Os mais ousados afirmaram - até mesmo em público - que tudo não passava do sempre presente progresso a quebrar paradigmas e alterar com novidades antigos conceitos. Primeiro, os ousados, se voltaram para a linguagem utilizada nas ditas redes virtuais, sociais ou políticas, esportivas ou amadoras, pessoais ou intransferíveis (na falta do termo que, lembravam, poderia melhor dizer sobre o caso); pesquisaram as conversas em smartphones e similares, abreviadas (não na complexidade que cerca as abreviações formatadas e sancionadas pela Academia) de tal forma que - antes - diziam levar ao tão sonhado esperanto. Falsas esperanças cercavam os noticiários e debates radiofônicos, televisivos, internéticos.

Os mais conservadores bradavam aos ... ventos que a situação levaria ao caos total e aniquilaria a civilização como a ... (sabíamos ser, colocaram no lugar). Que o problema decorria dos tempos novidadeiros (disso, não esqueciam) em que o bom estudo e conhecimento vinha sendo solapado (eta!) pela camarilha ... ou pelo imperialismo ...-americano.

O assunto saiu do controle das autoridades, que o vivenciavam diuturnamente em programas os mais diversos, quando os agricultores não souberam dizer o nome do produto a ser plantado para a próxima safra. Viam a figura da semente, tinham ante os olhos a planta em crescimento, sabiam muito bem como colher e estocar e a quem vender, mas, não tinham mais o nome do produto. Aquilo, diziam uns. Aquela outra, diziam os demais. Como comercializar commodities de algo sem nome? De que maneira os países poderiam concluir negócios vultosos em que o aquilo seria trocado por toneladas daquela outra coisa?

Com o perdão da ironia, a situação estava de a ... desconhecer o bezerro. Que a ... havia ido para o brejo era a impressão de todos. Animais sem nome. Árvores sem frutos nominados. Pessoas se tra-

tando por ela e ele. Os vendedores sem saber o que estavam vendendo. Os compradores sem saber o nome do que deviam comprar. Grunhidos não levavam a nenhum lugar.

Alguém teve a ideia de renomear a todos e a tudo. Não lembra o seu nome, não tem problema, apregoava em praça ... É só se dar um novo e o registrar novamente no... Não sabe o que comer, que se cozinhem todos os ingredientes conhecidos e se escolham - mediante edital e licitação - pessoas com bom olfato e gosto para experimentar o resultado e, dele, criar novos nomes. Isso, agora será xis, aquilo, épsilon, outro tanto, zê. Estaria resolvido o problema. Tudo voltaria ao normal e, como o esquecimento acontecia em todos os quadrantes do globo (a quadratura do círculo, ninguém esquecia), a nova linguagem seria - finalmente - universal. Falsa esperança. Foi darem início à oposição dos novos nomes que alguns povos se disseram (no que restava de linguagem) contra por princípios que nem mais lembravam. Outros países disseram que precisariam da aprovação ... em que a maioria fosse favorável a cada novo nome. Houve até quem quis declarar guerra aos indecentes (palavras deles) que se propunham a mexer com o esquecimento advindo da divindade, como castigo pelos pecados desde ... cometidos.

O caos tomou conta das cidades, do campo, dos mares, dos ares, do cosmo conhecido e ... pelo homem. Mulheres não se diziam mulheres. Homens se diziam garotos. Garotos choravam a falta do aprendizado. Colégios fecharam, afinal, de nada adiantava somar e multiplicar, por exemplo, se não sabiam o valor nominal dos números. A tabela de peso atômico dos elementos lá estava, mas, em sua maioria, sem os respectivos nomes. Peso 1, perguntaria o ... e o ... responderia que tanto faz.

Não houve hecatombe nuclear (palavrinha que não sai do dicionário) porque ninguém conseguia entender as instruções de lançamento: páginas e páginas com mais espaços em branco do que palavras de rotina. As declarações de guerra soavam vazias. O portavoiz (arrá!) emudecia sobre contra quem seriam os atos de violência, sobre o enunciado-perverso-maniqueista (até que soou hilária a nova terminologia) que justificava o rompimento das ... com os ...

Mas, como disse um velho, tudo que é bom dura pouco, já que ele havia sido deixado de lado nas reclamações caseiras sobre os esquecimentos, que o galo (sim, mesmo sem nome, as pessoas sabiam que galos eram despertadores ou coisa que o valha e, o comércio deles - por qualquer dinheiro - crescia sem parar) cantou no amanhecer. O primeiro a acordar pensou sobre a trabalhadeira de mais um dia e que já estava atrasado para o trabalho. Urinou. Lavou-se. Escovou os dentes. Vestiu-se e saiu para o trabalho. O movimento normal na rua o levou a pensar que seria bom se, alguma vez, não precisasse de tudo aquilo para sustentar a família e bancar acima dos seus limites econômico-financeiros.

Ficou louca, Margarida?

por Sueli Gehlen Frosi

Margarida descobriu que não viveu. A descoberta foi, assim, de repente. Em meia hora de conversa com uma amiga ela conseguiu recuar no tempo e rever tudo, até os conceitos tão bem elaborados por gerações.

Era normal ser filha de seu pai e apanhar dele. Todos na sua casa apanhavam, e ninguém questionava. Nem sua mãe, coitada. Era tão sofrida. Sempre chorosa e trabalhadeira, não ousava contrariar aquele homem irritadiço e exigente.

Ela crescera trabalhando duro, cuidando dos irmãos que não paravam de chegar. Foram muitos filhos na sua família. Isso significava lavar, passar, cozinhar e costurar. Quem podia não costurar naquela época? Margarida tinha um jeito especial para a costura e, cedo, descobriu que a máquina era a forma de escapar do tanque e do fogão, que ela odiava.

A cidade onde Margarida crescera, na verdade, era uma vila. Todos se conheciam e eram muito parecidos. A supremacia masculina permitia que alguns meninos saíssem da cidade para estudar, mas, jamais as meninas. Estas costuravam e eram das lides domésticas, como as mães e as avós.

Margarida tornou-se uma moça bonita, prendada e foi logo vista como boa para o casamento. Não demorou a aparecer um pretendente. A mãe andava cansada e o pai cada vez mais ausente de casa. Ela sabia que a apatia da mãe tinha a ver com a vida que o pai levava e que não combinava em nada com a vida da família.

Volta e meia ouvia comentários sobre a ida dos homens à cidade maior ali perto, onde jogavam e onde frequentavam “casas de mulher”. E o pai, sabia, ia também. E o via voltar sem dinheiro, a mãe

a chorar e o pai cada vez mais irritado. A vida era um círculo vicioso, ora tudo calmo, ora um caldeirão, quando tudo podia acontecer. Margarida via os irmãos serem espancados e nunca tivera coragem de defendê-los. Instintivamente ela sabia que aquilo estava errado, como estava errado ficarem sem dinheiro, mesmo trabalhando tanto.

Ao primeiro pedido de casamento, aceitou, mesmo sem sentir nada por aquele rapaz sisudo, mas honesto e trabalhador. Ficaria livre daquele ambiente opressivo e teria a sua própria casa. Casou-se no verão. A saída de sua casa parecia não ser muito notada. Ela arrumou suas poucas coisas, vestiu-se de noiva e disse o sim necessário.

Após o casamento, rumou para a casa do noivo, ou melhor, para a casa da família do noivo. Mostraram-lhe seu quarto, e ela se instalou. Guardou suas coisas, não muitas, com capricho naquele guarda-roupa grande. Havia espaço para ela naquele quarto, só no quarto.

Passou a noite de núpcias sem grandes emoções, nem grandes feitos. O marido era homem silencioso, seco, rápido. Deitou-se sobre ela, penetrou-a com cuidado e virou para o lado. Margarida acreditou que fosse assim que as coisas da vida aconteciam. Estava aliviada por sair da casa dos pais e não esperava muito da casa do marido. A vida das mulheres era assim.

Margarida e o marido tiveram quatro filhas, que ela cuidou com dedicação. Comprou o que as meninas precisavam, costurando dia e noite. Eram outros tempos, porque agora as meninas iam à escola e colecionavam revistas onde havia fotos de vestidos lindos, que Margarida reproduzia com rigor. Tudo muito bem feito!

As meninas cresceram, sempre muito bem arranjadas pela mãe. Com o tempo, as amigas das filhas passaram a pedir que ela costurasse seus vestidos também. Margarida tornou-se costureira de mão cheia e com isso ganhou um bom dinheiro, que o marido gostou de gastar no clube, tomando cerveja com os parceiros do bolão. Tudo normal, tudo previsível. A vida transcorreu assim. Margarida costurando, fazendo comida, limpando sua parte da casa. O marido fazendo móveis, chegando para descansar a cada final de expediente. O silêncio durante o descanso dele era obrigatório e jamais contestado. Os homens precisavam muito descansar naquela época.

A morte do marido pegou Margarida desprevenida. Nunca havia pensado na possibilidade de ficar sem ele, mesmo que raramente se falassem. No velório chegaram os pais dela, já envelhecidos, os irmãos e as irmãs - menos duas, que haviam se casado com homens ricos. Essas não viriam. Preferiram ficar bem longe, aproveitando a vida. Pouco se sabia delas e de suas famílias.

Margarida tinha quase cinquenta anos quando viu sua última filha sair de casa. Os sogros deixaram tudo para ela, por ter passado anos e anos cuidando deles. Margarida ficou só, mas não por muito tempo. Logo que as filhas tiveram seus filhos, passaram a levá-los para a mãe cuidar. As roupas para as festas que as filhas frequentavam, Margarida continuou a fazer de bom grado. A vida era assim mesmo! Era normal cuidar dos netos, costurar, fazer comida para todo mundo.

Ninguém imaginava que as coisas pudessem mudar tão rápido. Havia na cidade um movimento de mulheres que aguçou a curiosidade de Margarida. Ela viu que as reuniões eram concorridas, percebeu como as vizinhas passavam pela rua rindo alto, e, aos domingos, havia música no clube. Margarida ficou tentada a aceitar o convite da vizinha para ir a uma reunião. Após mais alguns convites, foi. E gostou muito!

Tratava-se da extensão de uma faculdade de terceira idade. A maior parte dos que frequentavam o grupo era de mulheres. Isso não foi surpresa para Margarida, ciente de como os homens se comportavam naquele lugar. Das atividades da turma, as mais lindas eram os sorrisos e os abraços. Aquelas mulheres tinham mania de abraçar umas às outras, e Margarida não demorou a aprender. Logo passou a abraçar também. Não conseguia mais ouvir uma música sem que dançasse feliz. E já começava a ler com mais agilidade.

As filhas estranharam as atitudes da mãe, quando esta se recusou a cuidar dos netos, de vez em quando, ou quando passou a dizer não ter tempo para tanta costura. Um livro aqui e ali era indício de que haveria muitas surpresas ainda. E Margarida vibrou com a vida nova e aproveitou tudo com gana. Os netos, aos poucos, ficaram sem a vovó, e as filhas começaram a comprar roupas prontas.

Aos domingos havia baile, e Margarida descobriu que adorava dançar e dançava mesmo sozinha. A fome que ela tinha de viver era grande demais. A dança operou alguma coisa nela, porque sentiu necessidade de enfeitar-se, de observar-se. Seu corpo agora lhe dava prazer, e não dor. Apreciava tomar banho, olhar-se e ver que gostava de si. Descobriu que ela fora, até então, uma desconhecida para si mesma.

Mas a fome maior era da alma. Os livros a deixavam agoniada, por querer saber o que havia neles. Em todos eles. Sorte haver uma biblioteca e haver Carla em sua vida.

Carla era uma professora da faculdade que ia à sua cidade de vez em quando para palestrar sobre a qualidade de vida. As duas tornaram-se amigas, assim, como por encanto.

Margarida sentou-se com Carla certa feita e contou-lhe sobre a sua vida. O fato de ter conseguido sintetizar tudo em meia hora a fez concluir que sua vida havia passado de forma pobre, vazia, sem amor, sem paixão.

Carla ouviu o relato e falou que a achava uma das pessoas mais inteligentes que conhecia. Isso pareceu um disparate! Margarida demorou a metabolizar a informação, mas quando fez, tomou uma decisão. Falou com calma para a amiga que queria estudar, só não sabia como fazer. Carla sugeriu que procurasse uma escola da cidade, para ver o que poderia ser feito.

Naquela noite, Margarida não dormiu, nem dormiu bem nos anos seguintes. Sua vida sofreu tal transformação, que suas filhas não a reconheceram mais. Só a caçula percebeu o quanto a mãe estava feliz.

Margarida estudou, formou-se no colégio e ingressou na faculdade de psicologia. Era uma devoradora de livros e, aos 64 anos, era psicóloga clínica. Casou-se com seu professor de psicanálise, dez anos mais jovem que ela.

Quando comunicou que faria longa viagem de lua de mel pela Europa, as filhas perguntaram se ela estava louca. Ela sorriu e falou que sim: estava louca de felicidade, até que enfim.

Uma vida miserável

por Sueli Gehlen Frosi

Carlos era homem de beleza inegável. Garçon desde menino, chamava a atenção da clientela dos bares por sua gentileza e porte aristocrático.

Casou aos vinte e quatro anos, com Judith, menina ainda, cujas características principais eram a timidez e desmazelo na aparência. Judith, embora fosse linda, nunca o soube por inteiro, dado ao fato de que sempre foi desqualificada pelas pessoas. O padrasto, apaixonado por sua mãe, jamais a viu de verdade. Gata borralheira por vocação trabalhou calada durante anos em um bom colégio de freiras, lugar que a acolheu a pedido de sua mãe, desde que pudesse estudar ali. Judith trabalhou muito durante a sua infância. A escola proporcionou-lhe certo grau de cultura, ofuscado pela falta de interesse, coisa tão do jeito dela. O desinteresse por sua própria pessoa produziu uma personalidade taciturna, porém, não chegando a ser infeliz.

Esse perfil anulado da mulher encorajou Carlos a levar uma vida sem regras, como sempre havia feito, afinal, ela não teria energia para questioná-lo por nada. A bebida e as mulheres, abundantes em seu mundo, poderiam continuar acontecendo sem perigo. Carlos sempre soube qual o tipo de mulher de que precisava.

Judith apaixonou-se por Carlos à primeira vista e com tal intensidade que as noites partilhadas com o marido, boêmio e alcoólatra, foram motivo de um embevecimento cego. Sua trajetória com ele foi algo devastador.

Por outro lado, Carlos não poderia imaginar alguém olhando para a sua menina tão bonitinha, motivo pelo qual a vigiou e a torturou com comentários desconfiados, até quando era internada para que nascessem os filhos. A espinha dobrada de Judith era tão notória

que, com o tempo, passou a caminhar de cabeça baixa, aterrorizada de medo de ser repreendida por algo que nem tinha feito. Carlos deixou claro a sua posição com respeito ao comportamento mais adequado para Judith, que, somado à sua índole desleixada, produziram um fantasma, arremedo da mulher com a qual se casou.

Carlos amava a mulher, mas, segundo ele, a vida noturna tinha seu preço, afinal, um homem bonito e charmoso tinha lá seus direitos. Compartilhar remédios com Judith era coisa necessária naquelas circunstâncias. Nem sempre seus desmandos com mulheres ficaram sem consequências e as doenças que trouxe para casa foram encaradas como normais por ele e com aparente indiferença por ela. Não havia questionamento moral da parte dele, nem autoestima suficiente por parte dela, podendo-se pensar em preguiça também, já que a casa dos dois nunca foi limpa, enfeitada, nem foi um lar onde pessoas pudessem viver uma vida decente.

As noites, com o passar dos anos já não era a mesma coisa. Filhos que dormem junto com os pais atrapalham muito e os deles iam deitando aqui e ali, por não saberem direito onde eram seus lugares. Os tímidos ímpetos de desejo de Judith foram rareando, até não serem mais sentidos. O que ele viu acontecer foi que a linda figura de sua mulher tornou-se a de uma mãe de peitos caídos e pernas com varizes. O silêncio tornou-se uma constante naquela casa. Ver Judith de cabeça baixa, falando baixinho pra não incomodar ninguém era algo esperado e trazia certa tranquilidade com relação à fidelidade dela.

À medida que os filhos iam crescendo, uma espécie de revolta passou a fazer parte do cotidiano. O filho mais velho se parecia com a mãe e marcava calado sua presença. O fato de não sair do lado do pai fez com que Carlos o castigasse, fazendo-o trabalhar como um mouro em uma oficina mecânica perto de casa. Foi a forma eficaz de manter a presença fantasmagórica do menino, ainda imberbe, longe o suficiente para que não o molestasse. Já o segundo menino chegou bonito, porém indiferente a ele. Foi estranho constatar que, fizesse o que fizesse, o filho o ignorava completamente.

Nunca se arrependeu da surra dada naquele menino calado, quando o encontrou no porão junto a outros meninos em atitude a

seu ver suspeita. Ter um filho fresco era coisa totalmente descabida. A surra deve tê-lo curado, pensou. Nunca mais o viu em companhia de ninguém. Encontrava-o vagando pela casa, quando não pendurado na mãe. Nunca o preocupou o fato de vê-lo sentado pelos cantos da casa, desmontando coisas e montando-as de novo. Aparentemente, era o que aquele menino sabia e queria fazer.

Na casa de Carlos e Judith não havia sorrisos, nem fins de semana, nem festas de aniversário, nada. Nada melhorou com a chegada da única menina que tiveram, herdeira incontestada da beleza e da índole da mãe. Ela nunca abriu a boca para nada, nem quando, anos mais tarde, encontrou o marido e se casou. Carlos sabia que a menina, mesmo pequena, já havia entendido tudo, portanto, ela manteve-se quieta e só observou os acontecimentos se desenrolarem inexoravelmente.

A virada da vida de Carlos foi dada por Santa, uma mulher exuberante e conhecedora das fraquezas dos homens. Ela começou a conversar com ele e o acolheu em seu apartamento como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. As noitadas tórridas, regadas a litros e litros de uísque, produziram manhãs que eram um desastre, com o apartamento desarrumado, roupas pra todo lado, dores de cabeça infernais. O telefone, às vezes tocava implacável. Os filhos de Carlos sempre achavam de telefonar nas horas mais impróprias e sempre, sempre choramingando de fome. Pior era no fim do mês, quando a luz e a água eram cortadas. Santa dizia, frente a irritação dele, que era assim mesmo e alcançava os trocados de que ele precisava para calar a boca dos filhos.

À época, não passava pela cabeça de Carlos qualquer sentimento com relação a Judith, que não fosse o medo de que ela, por milagre, encontrasse outro homem. O tempo de Carlos passou a ser dividido entre curar a ressaca da manhã, a vigilância aos passos que Judith dava, o trabalho de garçom cada vez mais escasso e as longas noites com Santa.

Uma madrugada, Carlos acordou sentindo-se mal. Deu culpa à bebida e ao enorme esforço que fizera para satisfazer aquela mulher tão exigente, porém, depois de um tempo, suspeitou de que algo mais sério estivesse acontecendo.

Levantou-se e, em frente à janela, sentiu que aquele suador não passaria, mesmo com o vento que procurou como alívio. Subitamente, sentiu aquela dor no peito que o fez desfalecer.

A sucessão de acontecimentos, após o enfarte, era coisa nebulosa e indefinida para Carlos, até o momento em que uma funcionária do hospital o procurou, perguntando sobre seu endereço e o nome de algum parente. Imediatamente lembrou-se de Santa, mas ignorava o sobrenome dela e não conseguiu lembrar o lugar exato do seu apartamento. O hospital atribuiu-lhe falta de memória por conta do estado em que se encontrava, mas, decorridos alguns dias sem que recebesse nenhuma visita e com uma melhora na saúde suficiente para obter alta, insistiram no interrogatório sobre a sua identidade.

Nos dias seguintes, a sua rotina transformou-se em pesadelo. Compartilhava de novo da sua cama de casal, mas, o que encontrou nessa cama foi uma mulher ressentida, conformada, sem viço e oito gatos dorminhocos e cheios de pulgas. Os filhos eram criaturas educadas, mas indiferentes. Sempre que necessário, mesmo a contragosto, ajudavam a carregá-lo de lá para cá e até faziam um esforço por entender sua fala arrastada.

Um dia, acordou com dificuldade para respirar. Tinha consciência de que Judith estava na cozinha tomando chimarrão com aquele ar distante e pensativo, alheia ao mundo. Esforçou-se para emitir algum som, mas não conseguiu. Os gatos olhavam pra ele e, estranhamente, começaram a sair do quarto. Seu último pensamento foi o de que a vida tinha sido injusta com ele, justamente com ele.

Judith o enterrou cantando bem baixinho a música que ele gostava; depois, sentou-se calada e assim permaneceu. De quando em quando a ouviam cantando e sorrindo com malícia, como a dizer que agora o marido era dela. Ela mal percebeu o resto de sua vida miserável.

A agulha invisível

por Telmo Mario Dornelles Gosch

Naquelas terras perdidas nos confins do mundo, havia duas povoações e uma Capital.

A Capital e Lugar Nenhum foram fundadas há mais de um século pelo grande líder Uzzy, que trouxe seu povo perseguido por bárbaros e inimigos milenares para aquele local isolado. Ele prometeu, aos que o seguiam, terras, alimento e paz. Cumpriu sua promessa. Não era, como outros líderes, conhecido como rei, mas sim como o Benfeitor.

O Benfeitor nomeou toda aquela área ocupada, todo aquele território como Terras de Zzy.

Seu filho, Uzzy II, seguiu sua linha política de justiça e benemerência e construiu a Capital. No entanto, seu neto, Uzzy III, e agora o bisneto, Uzzy IV, explorava o povo de forma vil e, por isso, não era chamado pelo povo de Benfeitor, mas sim de Feitor.

Havia, ainda, um pequeno e pobre povo, da mesma etnia, que migrara para aquela região em outros tempos. Uzzy os visitou, falavam o mesmo idioma e tinham os mesmos costumes. O Benfeitor os incorporou na nação que nascia. Viviam eles em uma região totalmente diferenciada, terra muito pobre, da qual, era muito difícil tirar o sustento. Dependiam basicamente de uma planta chamada Nadica. Aquele recanto, dada a pobreza e o pouco que produzia, era conhecido por Nada. Nada era isolada e distante da Capital.

— O) (O —

A capital era cercada por altos muros em forma de pentágono. Em cada vértice, havia uma guarita; dali guardas armados observa-

vam o que acontecia em seu interior e vislumbravam tudo que ocorria nos campos que cercavam a cidadela.

O Feitor, que tudo comandava, dizia-se filho do trovão, Tuazzy. Naquele mundo perdido, Tuazzy era a divindade.

O Feitor era arrogante, vaidoso e orgulhoso. Tratava aquela população pobre e infeliz com mão de ferro. Cobrava impostos todo semestre; quem não pagasse não entrava no interior da cidadela, ficando impedido de comprar ferramentas e outros bens, que só eram encontrados no interior do forte. Ficavam ainda proibidos de consultar os curandeiros que tratavam as doenças com ervas e pomadas, bem como de ir ao templo, adorar e queimar essências a Tuazzy.

O castigo para quem não pagasse os impostos era ser transferido para Lugar Nenhum. Lá trabalhariam até pagar seus débitos. Embora fosse possível, ninguém em sã consciência ia ou queria ir para o lugarejo Nada.

A Capital além-muros possuía ricos campos, onde florescia a agricultura e a pecuária. As terras eram férteis, e o Trovão os provia de chuvas com regularidade.

Com essas condições climáticas favoráveis, produziam-se em larga escala arroz, trigo, cevada, aveia, romã, uva e figo, além de fibras utilizadas no vestuário: algodão, linho e cânhamo. Ovelhas e bovinos de corte e leite espalhavam-se por pastagens de invejável qualidade.

O Feitor tinha ainda a felicidade de possuir, ao norte da Capital, uma mina de ouro e outra de prata. Neste local frio e ermo, pedras preciosas abundavam no leito de pequenos córregos e rios.

— O) (O —

Lugar Nenhum, ao sul, distava quatro dias a cavalo e seis dias de carroça da Capital, e entre os dois povoamentos havia um pequeno e escaldante deserto. Em Lugar Nenhum, as terras eram pouco férteis, e o Trovão quase se esquecera daquele povo. As chuvas, ali, eram menos frequentes.

Dada a distância e as agruras da travessia, o Feitor mantinha em Lugar Nenhum o Favorito, que o representava com mão de ferro. Cabia ao Favorito, além de outras atividades, recolher impostos atrasados, obrigando os devedores, que em sua grande maioria eram agricultores, a produzir raízes como a mandioca e a batata doce e a trabalharem em uma mina de sal existente no deserto.

— O) (O —

Nada ficava a oeste, formando um triângulo com a Capital e com Lugar Nenhum. Nada ficava aos pés de uma cadeia de montanhas, de basalto negro. A paisagem era dominada por um pequeno vulcão, Puyzzy, sagrado para os moradores de Nada. Puyzzy lançava vapor e cinzas constantemente. Essas montanhas não permitiam o acesso direto de Nada à Capital. Nada distava doze léguas de Lugar Nenhum. Um caminho rudimentar, em verdade um trieiro, ligava as duas comunidades.

Nada era apenas uma ruela, com paupérrimos habitantes. As terras eram de péssima qualidade. Não chovia. Tuazzy esquecera-os completamente; a água provinha do degelo das montanhas. Essa água enriquecida com nutrientes emanados do vulcão molhava a Nadica, único vegetal que vingava naquele local esquecido.

O Feitor não cobrava impostos em Nada. Nada produzia praticamente nada, e manter ali um Favorito era mais caro do que o imposto que seria arrecadado com a produção de Nadica e derivados.

— O) (O —

Nadica, árvore de porte médio, com longas folhas fibrosas com as quais o povo fazia suas grosseiras roupas azuladas. Os habitantes de Nada eram chamados, por esse fato, de azuis ou de povo azul. A Nadica produzia um fruto oval carnoso rico em nutrientes que era consumido *in natura*. Quando abundava a produção, desidratavam

a polpa para o consumo no período de entressafra. Ela só crescia e se multiplicava em Nada, totalmente dependente das emanções de Puyzzy, cujas cinzas ricas em minerais possibilitavam o desenvolvimento pleno daquele estranho vegetal. As sementes, quando trituradas e transformadas em pó, eram medicamento para diversos males.

Por consequência, era a Nadica de Nada que mantinha aquele povo. A renda obtida com a venda do pó da semente e do fruto desidratado é que possibilitava a compra em Lugar Nenhum de outros produtos para a população de Nada. É bom também contar, embora o povo de Nada mantenha isso em segredo, que as pétalas das flores de Nadica, quando secas e trituradas, transformavam-se em excelente energético. Esse pó, tomado com o mel que as abelhas produziam a partir da flor dessa planta maravilhosa, possibilitavam longas caminhadas e sustentavam os viajantes em viagens a pé, a cavalo, ou de carroça entre Nada e Lugar Nenhum e até mesmo para a Capital.

— O) (O —

Com o passar do tempo, e quanto mais envelhecia, o Feitor, a exemplo de seu pai, tornava-se mais irascível e maltratava o povo que tudo lhe fornecia e não recebia nada em troca. Aquele coração negro dizia só amar sua filha, Lyzza, cuja beleza era comentada e elogiada.

Lyzza herdara não só a beleza de sua bisavó, como seu senso de justiça, e sofria muito com as maldades do pai e o padecer do povo.

A maldade era tanta que Tuazzy se incomodou com esse fato e, na madrugada de uma noite sem estrelas, após tropejar baixinho sobre a cadeia de montanhas, derramou uma chuva caudalosa sobre Nada, o que não acontecia há centenas e centenas de anos. Trovejou e trovejou, e num último tropejar, que mais parecia um lamento, emitiu uma luz clara azulada, em direção à Capital. Essa luz se transformou em uma pomba que voou até as cercanias do pentágono, pousou e se converteu num coelho que cavou uma toca sob a mu-

ralha, e ao entrar nela transmudou em uma cobra negra com rabo espinhento em forma de espanador. Aquele ser horripilante rastejou pela escuridão e foi até o quarto de Lyzza, encostou-se à parede e disfarçou-se de vassoura.

— O) (O —

Em Nada, numa casa simplória, mas simpática, residia a viúva, Annazzy e seu filho Azzy, que apreendera e herdara do pai: agulhas, trenas, esquadros, réguas e demais utensílios que utiliza um bom alfaiate, um bom costureiro.

Azzy tinha pendores. Era um ótimo profissional, costurava no período da safra de Nadica, na entressafra comprava pó da semente e frutos desidratados e os levava para Lugar Nenhum, onde os trocava por tecidos e outros produtos vindos da Capital. Assim ele conseguia manter com relativo conforto sua mãe.

Azzy trabalhava muito, pois pretendia se casar com Tyzza, a mais bela jovem de Nada. Tyzza era filha de Zybezzy, antigo e respeitado morador daquela localidade. Zybezzy só daria a mão da jovem filha para quem lhe oferecesse uma moeda dupla em ouro e prata cravejada no centro com brilhante ametista na cor violeta. Essa moeda existia somente na corte de Uzzzy IV. Para obter essa moeda, Azzy precisava comprar um forte e caro cavalo para cavalgar até a Capital, levando grande quantidade de pó de semente para trocar com os curandeiros do Feitor. Ele era um homem apaixonado e tudo faria para conseguir sua formosa Tyzza.

— O) (O —

Na estrada que ligava Nada a Lugar Nenhum, havia um grande mausoléu em blocos de basalto. Segundo a história, que passava oralmente de geração em geração, repousavam ali os restos mortais de um mascate. Mascate esse que, anos e anos atrás, trazia para

Nada objetos diversos e os trocava por derivados de Nadica. Esse comerciante era estrangeiro e viajava sempre com dois filhos. Em sua última jornada, sentiu-se mal, faleceu, e os filhos construíram com blocos da pedra negra um grande túmulo onde todos diziam repousar o velho José. Foi colocada pelos filhos ao lado do jazigo, uma cruz.

— O) (O —

Lyzza, como fazia todas as manhãs após o desjejum, voltou ao quarto para varrê-lo, tomou a vassoura em suas mãos, e, ao iniciar o trabalho, um espinho do rabo da cobra, agora transformado no cabo daquela vassoura, feriu sua mão. O espírito da serpente, se é que assim se pode dizer, penetrou por aquele ferimento, e, num piscar de olhos, Lyzza estava irreconhecível; sua beleza angelical desapareceu. Seus belos cabelos ficaram secos e opacos; começou a caxingar de uma perna; o rosto se desfigurou, ficando um olho mais baixo que o outro, com negras olheiras; e a língua teimava em sair da boca, como fazem os ofídios. Um torpor tomou conta de Lyzza e ela desmaiou.

Lyzza foi encontrada por seu apaixonado cavaliariço, que, como acontecia todos os dias, veio à meia manhã chamá-la para cavalgarem pelos campos da Capital. O cavaliariço, Aluzzy, só a reconheceu pela pulseira em ouro, prata e pedrarias que ela usava diariamente.

O Feitor ficou desesperado ao olhar sua bela filha agora transformada em uma bruxa. Quando ele tocou sua mão, Tuazzy se manifestou em um trovejar baixo, rouco. Uzzy entendeu que ele, de alguma forma tinha ofendido o Trovão.

O Trovão esperava que Uzzy, ao ver a filha naquele estado e ouvindo o seu trovejar baixo e profundo, se reencaminhasse, tirasse a maldade do coração, compreendesse melhor seu povo, deixasse-o entrar na cidade para reverenciá-lo. Se esse fosse seu procedimento, tudo voltaria ao normal.

Mas o Feitor ficou a observar e logo sentiu nojo da filha; o amor que ele alardeava sentir por ela desapareceu. Não mandou matar aquele ser repugnante porque era sua carne e rapidamente tomou sua decisão.

Lyzza não podia permanecer na Capital, pois um ser que apresentava tantos defeitos depunha contra o conceito de saúde e beleza da família do Feitor. Uzzy entendia que a tradição de vigor, coragem e desprendimento tinha que ser mantida.

Uzzy não teve dúvidas. Enviou Lyzza para Lugar Nenhum aos cuidados do Favorito.

Em Lugar Nenhum ela foi fechada em um quarto, com todo o conforto, no entanto, dali não podia sair, pois o Feitor não queria que o povo a visse. Após dias de torpor voltou à lucidez. Seguiram-se longos momentos de desespero, quando espelhos foram quebrados e o quarto permaneceu nas sombras.

Veio então um conformismo, e ela pediu ao Favorito que mandasse buscar na Capital seus cavalos e o cavaliário, para que pudesse cavalgar de madrugada, com o rosto encoberto, para não ser reconhecida pelo povo.

E assim foi feito. Aluzzy, o cavaliário, era um moço íntegro, corajoso, humanitário e de bondoso coração. Fora apaixonado pela beleza física de Lyzza; agora continuava apaixonado, não pela beleza exterior, que não existia mais, mas por sua beleza interior, por sua inteligência, forma de ver o mundo e uma bondade que não existia em seu progenitor.

Aluzzy tinha sangue do Benfeitor Uzzy I; era, assim como Lyzza seu bisneto, fruto do relacionamento deste com uma concubina estrangeira, daí seus olhos verdes, cabelos encaracolados cor de ouro e pele branca, contrastando com a população de Zzy, que em geral possuía cabelos negros, olhos amendoados e pele amarelada.

Lyzza e Aluzzy cavalgavam diariamente. Ela adorava sentir o vento frio da madrugada tocando sua pele e roçando seus cabelos secos que sequer esvoaçavam.

Aluzzy descobriu, através de um comerciante de produtos de Nada, Azzy, que a polpa fresca de Nadica era boa para hidratar cabelos, dando-lhes vida, frescor e luminosidade. Lyzza passou a usá-la, viu os cabelos florescerem, e isso lhe trouxe grande felicidade.

— O) (O —

Tuazzy, o Trovão, precisava consertar o que tinha dado errado; Lyzza, não podia pagar pelas maldades do pai. Ele, lá do alto, com sua visão superior, engendrava providências.

— O) (O —

Já passava do meio-dia, e Azzy cavalgava próximo ao grande mausoléu dirigindo-se para Lugar Nenhum, onde planejava fazer trocas de produtos. Foi quando um trovejar seco rimbombou no ar. Ele pensou: Tuazzy está nervoso. No mesmo instante, como acontecia de sete em sete anos, houve um tremor de terra, provocando fortes emanções do vulcão. Esse violento sismo derrubou parte das pedras do grande túmulo, deixando seu interior à mostra.

Como num sincronismo perfeitamente ajustado, Tuazzy trovejou muitas vezes e, mesmo sem chuva, mandou raios e mais raios. O povo daquela região se recolheu para suas casas.

Azzy estava a campo aberto e nada sofreu. Com muito medo, mas com muita curiosidade, ele se aproximou daquela brecha aberta no centenário sepulcro e, para seu espanto, verificou que não havia em seu interior qualquer sinal de restos mortais, mas sim uma carroça com a roda quebrada, carregada com tecidos, os quais, com a entrada do ar, se desfizeram em minúsculas partículas. Sobraram algumas vasilhas feitas em barro como painéis e potes, alguns artigos de couro e osso e uma pequena arca nas quais os mascates carregam joias preciosas. A arca estava vazia; aparentemente, quem enterrou a carroça carregou o que era de valor e de menor peso. Certamente esperava um dia retornar para buscar o restante das mercadorias. Fato que não ocorreu.

Revirando o pó que se formou pela desintegração dos tecidos, ele encontrou embaixo de um arreio uma pequena caixa toda em cristal, transparente e brilhante, certamente trazida de outras terras por José, o estrangeiro.

Saiu ao sol e observou aquele pequeno objeto que cabia em sua mão, abriu a tampa e nada havia em seu interior, somente o cheiro de

um perfume que lembrava o sândalo. Cheirou o interior da caixinha e passou o indicador para sentir se o perfume aderira ao seu dedo, e, para sua surpresa, aquela estrutura aparentemente lisa furou seu dedo e uma gota de sangue escorreu. O sangue coagulou e marcou o contorno de algo que o surpreendeu, algo que até aquele momento era invisível. Ele uniu polegar e indicador, apanhou e enxergou entre seus dedos uma transparente agulha que se confundia com a caixinha.

Como alfaiate, viu a qualidade do que tinha entre dedos, colocou-a novamente no estojo e ela voltou a desaparecer; viu que tinha em mãos uma agulha invisível. No próximo trabalho a utilizaria para testar a sua qualidade.

Voltou novamente a vasculhar aquele ambiente empoeirado. Quando estava quase a desistir de qualquer novo achado, encontrou embaixo da carroça uma fina corrente de ouro com um finíssimo crucifixo que apresentava no encontro dos dois braços um pequeno e brilhante rubi. Observou e admirou aquela obra de arte, vinha ela certamente de outras terras. Guardou-a com carinho, ela seria o presente de casamento à amada Tyzza. O achado deu-lhe ânimo, e ele voltou a investigar. Passa a mão daqui, passa a mão dali; a fina poeira se agarrava ao suor de seu corpo, o calor no interior do mausoléu era insuportável, mas tanto esforço foi recompensado. Para sua alegria encontrou um pequeno receptáculo de couro, em seu interior, um par de brincos em ouro num pingente em forma de cruz. Esse achado seria o presente de noivado para Tyzza, no dia que ele entregasse a seu pai a moeda dupla de ouro e prata. Fechou com cuidado o túmulo, deixando tudo como sempre esteve nas últimas décadas; manteria o acontecido como segredo.

— O) (O —

Lyzza, acompanhada de Aluzzy em seu passeio nas madrugadas, pelas cercanias de Lugar Nenhum, descobriu o quanto o povo, seu povo, sofria. Eram viventes malvestidos, mal alimentados, crian-

ças esqueléticas.... Tomou consciência que a população era escravizada pelo pai, trabalhando dia e noite nos campos e na mina de sal e recebendo como paga uma pobre alimentação baseada em mandioca e batata doce.

— O) (O —

Ao comprar mais uma vez, polpa de Nadica, Aluzzy descobriu que Azzy era costureiro, possuía estoques de tecidos finos e também de um grosseiro tecido azul, feito com as fibras de Nadica.

Como já conhecia Azzy há algum tempo e gostava do rapaz, pois este demonstrava ser sério, trabalhador e de boa prosa, indagou se ele costuraria para uma amiga que tinha sofrido um acidente e necessitava de roupas novas e de reforma em roupas antigas. Confidenciou que o acidente a tinha deixado com uma série de defeitos. Adiantou ainda que sua cliente manteria sempre o rosto coberto com um véu, pois não queria ser identificada e que todo respeito e segredo deste trabalho eram devidos, e que ela residia na casa do Favorito.

Azzy concordou; traria em sua próxima viagem suas ferramentas, ficaria hospedado na casa do Favorito, de lá não sairia até completar sua missão. Pelo trabalho Azzy seria recompensado com um forte e ágil corcel escolhido entre os cavalos por Aluzzy, que entendia de animais, pois, enfim, era cavaleiro. Esse pagamento, um cavalo de qualidade, animou muito o costureiro, pois ele necessitava justamente de um animal nessas condições para ir à Capital buscar a moeda dupla. Sonhando com Tyzza ele se jogou ao trabalho.

— O) (O —

Tuazzy, a divindade, mexia as peças em seu grande tabuleiro.

E assim Azzy passou a morar, mesmo que temporariamente, na casa do Favorito e a costurar com sua agulha invisível, que, além de acariciar seus dedos, dava-lhe uma perícia até então desconhecida, e os tecidos se entregavam àquela pequena e brilhante hastezinha. Criavam-se peças perfeitas, inigualáveis.

Tirou as medidas com dificuldade tanto para as reformas quanto para os vestidos, enfim, uma perna era mais curta, um braço mais longo, mas Azzy trabalhou com afinco, e chegou finalmente o dia da primeira prova.

Nasceu um dia abafado, pesado. O Trovão, de quando em quando, gemia sobre as montanhas; viam-se, sobre essas nuvens negras, raios e relâmpagos. Azzy chegou ao quarto onde Lyzza, com a cabeça encoberta o esperava.

O vestido foi passado para um serviçal que tinha a missão de ajudá-la. Lá fora, começou a cair uma fina e fria garoa. Ao longe, Tuazzy murmurava com insistência, às vezes apenas um sussurro, outras um som oco de quem está zangado.

Enquanto Lyzza se vestia para a prova, Tuazzy se movimentou das montanhas para Lugar Nenhum; trouxe consigo negras e pesadas nuvens, acompanhadas de relâmpagos e raios.

Azzy começou a prova, apoiado pela agulha invisível, por alfinetes e linhas de alinhar. Quando ele ajustava o tecido sobre o ombro esquerdo, acima do coração de Lyzza, Tuazzy despejou todo o seu mau humor, num potente trovão acompanhado de uma poderosa descarga elétrica; tudo tremeu. A mão de Azzy tremelicou, e a agulha penetrou no pescoço de Lyzza.

Lyzza deu um grito, Aluzzy pôs-se em prontidão com o grito da amada, e Azzy ficou pálido com sua surpreendente inabilidade.

Tudo aconteceu num repente. A cobra que habitava o corpo de Lyzza escorreu por sua perna mais curta e buscou a porta. Lyzza desfaleceu. Aluzzy sacou a espada e correu atrás da cobra e, antes que ela se transformasse, para seu espanto, em um coelho, ele dece-

pou seu rabo espinhento em forma de espanador. O rabo num frenesi pulou daqui, pulou dali, e ao chegar ao canto de um muro se transformou num vegetal em forma de bola espinhenta. Esse cacto espinhento tornou-se conhecido como Sete Espinhos de Lugar Nenhum.

O restante da cobra transformou-se num coelho sem rabo, que fugiu rapidamente e logo se transformou em uma pomba que voou brilhando em direção às nuvens, rumando para Tuazzy.

Azzy acudiu Lyzza, agora desprovida de seu véu, e viu que ela, trêmula e em murmúrios, transformava-se. Azzy viu o quanto ela era bela. Aluzzy retornou ao quarto e viu o milagre, trouxe de imediato um espelho para que ela, ainda pálida, visse com alegria que tudo tinha voltado ao normal.

Ficaram os três por longos momentos em silêncio. Um sorriso brotava dos lábios de Lyzza, mas ela rapidamente colocou novamente o véu sobre a cabeça, escondendo o rosto.

Aluzzy perguntou o porquê desta ação, e ela lhe disse com tranquilidade – Não quero que o Favorito me veja recuperada. Precisamos agora manter as aparências e pesquisar tudo o que está acontecendo com nosso povo. Chega de sofrimento.

Informaram a Azzy, de quem Lyzza era filha, que contavam com sua discrição e que precisavam de sua ajuda.

Começaram a planejar.

O Favorito já tinha anunciado que na próxima semana iria a Capital prestar contas ao Feitor, e lá permaneceria por um mínimo de trinta dias.

Esse tempo era suficiente para que eles conhecessem em pormenores toda a situação da população que vivia em escravidão, identificassem lideranças e reunissem forças para invadir a Capital e destituir o Feitor.

E assim tudo foi feito. Aguardaram o retorno do Favorito e lhe deram voz de prisão.

Interrogaram o Favorito e descobriram que o Feitor estava muito doente, correndo grande risco de vida; tinha sido ofendido na

perna por uma cobra sem rabo. A serpente escapou pelo vão da porta. O serviçal que a perseguiu viu somente um pequeno coelho, também sem rabo, correndo e passando por um minúsculo buraco para o exterior da muralha. A picada deixou o Feitor totalmente abatido, com a perna negra, dores lancinantes e uma febre que o aniquilava.

Entre olhares, eles entenderam tudo o que estava acontecendo.

O Favorito informou ainda que o Feitor tinha solicitado que sua filha retornasse à Capital. Precisava dela ao seu lado, não importava mais a sua situação física; era sua única filha, sabia que ela o amava e só ela poderia salvá-lo e salvar a dinastia Uzzy.

Agora tudo mudava. Lyzza reuniu os líderes, lhes deu as explicações necessárias. Convocou Azzy e Aluzzy para irem com ela à Capital. Azzy, tomando conhecimento da situação, levou consigo os produtos da Nadica, pó da semente que curava muitos males, polpa para fazer emplasto, além de pétalas e do mel como potente energético.

Lyzza cavalgava preocupada com a saúde do pai; apesar de tudo, ela o amava. Aluzzy, por outro lado preocupava-se com Lyzza e com toda aquela população semiescrava que ficara para trás, aguardando dela uma solução para seus sofrimentos. Já Azzy viajava feliz, pois tinha recebido como pagamento um excelente e vigoroso cavalo, estava indo para a Capital acompanhado da filha do Feitor e lá com certeza conseguiria, enfim, sua moeda dupla.

— O) (O —

Ao chegarem à Capital, Lyzza, agora com o rosto descoberto, foi saudada pelo povo, pois este a conhecia e sabia que ali habitava um coração generoso.

Encontraram Uzzy em estado desesperador, cercado de curandeiros, benzedores e rezadeiras que pediam a proteção de Tuazzy.

Lyzza pediu que todos se afastassem, observou o pai por minutos. Este sequer a reconheceu. Pediu a Azzy que usasse seus produtos derivados da Nadica.

Uzzy vagava em sonhos e transtornos; entre gemidos e lamentos chamava por Tuazzy.

Azzy limpou a perna, aseou a ferida negra, fétida e inflamada. Tomou de sua caixinha de cristal a agulha invisível; com ela punziu a ferida diversas vezes, e dali escorreu um pus negro. Com ares de profunda magia, a perna até então negra, começou a tomar uma cor rósea. Uzzy gemeu diversas vezes, acalmou-se, entrou em profundo sono, como se estivesse anestesiado.

Azzy aproveitou aquele torpor e aplicou na perna, sobre a ferida, pó da semente. Depois a cobriu com um emplastro feito com polpa dessecada e mel de Nadica. Misturou ainda mel com pétalas; esse alimento energético seria oferecido ao Feitor quando acordasse.

O Feitor acordou vinte e quatro horas após o procedimento, tomou mel com pétalas e voltou a dormir por mais um dia.

Acordou refeito; a perna estava curada. Pediu para ir ao Templo reverenciar Tuazzy.

— O) (O —

Uzzy reverenciou Tuazzy por duas horas. Retornou ao palácio com a paz e a tranquilidade no olhar. Quem o conhecia via que aquele Uzzy transtornado tinha ido embora e dado lugar a um novo homem.

Lyzza de imediato convocou o pai, Azzy e Aluzzy para uma reunião. Relatou que tinha pleno conhecimento do sofrimento e da angústia da população. O povo não suportava mais a carga de impostos, a proibição de entrar na cidadela para reverenciar Tuazzy, fazer compras e consultar os curandeiros.

Os devedores de impostos, exilados em Lugar Nenhum, que trabalhavam na mina de sal e se alimentavam de mandioca e batata doce, tinham se organizado e estavam concentrados no deserto. Ela tinha quarenta e oito horas para levar uma solução; caso contrário aquela multidão se moveria em direção à Capital, pronta para depor e até mesmo matar Uzzy e eleger um novo Benfeitor.

Expôs ainda aos presentes que se esta turba invadissem a Capital, colocava-se em risco a dinastia Uzzy.

Então, Uzzy IV, que a tudo ouviu, falou.

— Quero em primeiro lugar agradecer a vocês por virem me salvar. Agradecer a minha filha que eu exilei em Lugar Nenhum e, mesmo assim, esteve comigo quando eu mais precisei dela. Agradecer a Aluzzy, que teve paciência, perseverança e protegeu minha filha quando eu virei as costas a ela, mas quero principalmente agradecer a este estranho, vindo de Nada, que realizou procedimentos que me curaram, aliviaram minhas dores, dando a mim a oportunidade de me reaproximar de Tuazzy.

A você Azzy, eu quero recompensar. Como posso fazer isso?

Azzy, então, tomou coragem e se pronunciou:

— Há muito eu desejava vir à Capital, para obter uma moeda dupla, pois ela eu darei, como reza a tradição, ao meu futuro sogro e assim poderei casar com minha amada Tyzza. Tenho comigo produtos de Nadica, pó de semente, mel, flores e polpa dessecadas. Peço autorização para vendê-las a seus curandeiros; serão para eles de grande valia, e com a venda conseguirei minha moeda.

— Azzy, você pode vender seus produtos, mas deste palácio você levará para Nada cinco moedas em agradecimento, além de um passe que possibilitará sua entrada nesta Capital a qualquer momento.

— Lyzza, minha filha, volte com seus amigos ao deserto e diga-lhes que Uzzy IV é um homem modificado, temente a Tuazzy e que estou neste momento abdicando em seu favor a liderança das terras de Zzy. Tenho certeza que você tem a confiança do povo, que fará um governo de paz e amor e que tudo se modificará para melhor, tanto na Capital como em Lugar Nenhum e em Nada. Diga ao povo que me dedicarei a partir de agora ao Templo, serei um sacerdote de Tuazzy.

— Pai! Levarei vossa mensagem ao povo. Creio que serei bem recebida e prometo liderar mudanças, promovendo sempre a paz e a felicidade do povo. Quero ainda que abençoe minha união com Aluzzy, pois há muito nos amamos e tenho certeza que nossa união será aprovada por toda a população.

— Querida filha, caro Aluzzy, que as bênçãos de Tuazzy se derramem sobre vocês. Que vossa união faça a felicidade de todo o povo de Zzy.

— Desejo, como Benfeitora, nomear Azzy como Favorito de Lugar Nenhum e Nada. Azzy, em meu nome, tem condições de levar justiça, paz e fraternidade àqueles que lá residem e terá recursos para promover o desenvolvimento e a qualidade de vida daquelas populações. Lugar Nenhum produzirá sal em quantidade para atender a toda a população de Zzy; os mineiros do sal trabalharão com ânimo, pois serão, a partir de agora, assalariados, e não mais escravos. Viverão, assim, com dignidade, dando conforto a suas famílias. As culturas da mandioca e da batata doce permanecem, mas incentivaremos a pecuária de leite para a confecção de queijos e manteiga e a criação de pequenos animais, desenvolvendo economicamente aquela região. Em Nada, reteremos a água que vem das montanhas, faremos canais e irrigaremos a Nadica com isso, teremos produção dessa planta maravilhosa para todo o povo de Zzy.

E assim foi feito.

— O) (O —

Azzy voltou, em seu belo cavalo alazão, para Lugar Nenhum e Nada como Favorito. Em Nada, já na sua chegada, foi visitar o pai de Tyzza para lhe entregar a moeda dupla e pedir oficialmente a mão de sua bela e adorável filha.

Ao se aproximar da morada, ouviu o choro da mãe de Tyzza, Marytyzza, um choro preocupante e desesperado.

Cachorros anunciaram sua chegada, e Zybezzy veio encontrá-lo ao portão. Conversaram à sombra de frondosa Nadica, e o futuro sogro lhe confidenciou que Marytyzza chorava aos pés da filha, que se encontrava muito enferma, correndo risco de vida.

Azzy correu até a humilde casa e encontrou sua amada prostrada em uma grosseira tarimba. Tyzza estava lívida, dormia um sono pesado; suas reações eram praticamente nulas. E Marytyzza, entre lágrimas, lhe disse que a filha se encontrava assim há três dias.

Azzy, com os olhos úmidos, pegou no interior de seu embornal uma moeda dupla e entregou a Zybezzy, dizendo-lhe:

— Meu sogro! Esta é a moeda que prometi que lhe traria no dia de meu noivado com Tyzza.

— Caro Azzy! Não posso aceitá-la, pois Tyzza beira à morte. Não percebes que ela está com a febre da nuca dura?

— Aceite, meu sogro! Ela beira à morte, mas não está morta. Com fé em Tuazzy, ela vai se salvar.

Com o rosto molhado por lágrimas, após passar a mão no rosto e na testa da enferma e verificar que era altíssima a febre que a consumia, abriu novamente o embornal e de lá retirou o par de brincos que vinha guardando para aquele momento.

— Peço autorização a vós, neste dia de nosso noivado, para colocar este brinco em ouro na orelha de minha amada Tyzza.

O casal, consternado, balançou a cabeça e disse:

— Sim, faça isso. Tyzza certamente ficará muito feliz com este belo presente.

Azzy tomou em suas mãos o lóbulo da orelha e verificou que não havia nenhum orifício para abrigar aquela pequena joia.

Pediu, então, aos pais de Tyzza licença para furar a orelha.

Abriu novamente aquela bolsa azul, feita de fibras, e retirou de lá sua caixinha de cristal, com a agulha invisível.

Tomou a agulha, massageou o lóbulo e esterilizou-o com álcool produzido com frutos fermentados de Nadica. Introduziu a agulha. Tyzza teve um estertor e gemeu; ele fez o mesmo procedimento na outra orelha. Tyzza voltou a gemer; após minutos, abriu os olhos, girou o pescoço, até então endurecido, à procura da mãe e do pai.

Sorriu para Azzy e voltou a dormir. Após descansar por horas, com o noivo sentado a seu lado, acordou. Tinha agora o rosto antes lívido, rosado; sorrindo, pediu água e alimento.

A alegria iluminou aquela morada, há dias triste e sombria.

Noventa dias após, conforme as tradições do povo de Zzy, com a presença de Lyzza, a Benfeitora, e de seu esposo Aluzzy, assim como de toda a comunidade de Nada, Tyzza e Azzy se casaram, e ele pode finalmente colocar em seu pescoço a fina corrente de ouro com crucifixo que havia encontrado no jazigo de José.

Nesse mesmo dia, a Benfeitora e o Favorito inauguraram a primeira represa para conter as águas do degelo e irrigar a Nadica. Azzy aproveitou ainda aquele dia de grande alegria para ele, para Tyzza e toda a comunidade de Nada para inaugurar o Templo em honra a Tuazzy. Queimaram folhas secas e frutos de Nadica em respeito ao deus trovão. O belo local de adoração foi construído com as moedas duplas que ele recebeu na Capital. Em homenagem a José, o estrangeiro, ele colocou ao lado do Templo, a exemplo do mausoléu, uma cruz em madeira de Nadica.

Muita água foi armazenada nas represas, canais de irrigação foram construídos, novas culturas se estabeleceram.

Reunidos a sombra daquela imensa cruz, que parece proteger aquela comunidade, o povo comenta que agora chove mais em Nada e região, o trovão está mais clemente. Todos estão satisfeitos com a Benfeitora e o Favorito. Olham para o céu com frequência, carregam no pescoço pequena cruz e cultuam com fervor Tuazzy.

Nada e todas as terras de Zzy iniciavam um ciclo de fé, prosperidade e paz.

A maldição do caipora

por Telmo Mario Dornelles Gosch

Meio da tarde, estou em frente ao meu rancho, quando vejo o Gumercindo se aproximando, bombacha de brim, lenço, boina e alpargatas, uma cuia com bocal prateado e uma chaleira de ferro nas mãos. Gumercindo é meu vizinho de frente, solteirão, beirando aos quarenta anos, telegrafista da Viação Férrea, perdido nas noites, no jogo de truco e no carinho do chinaredo. Meio desavergonhado, mas gente buena.

— Buenas tardes, vizinho! Há horas que te vejo pensativo, preocupado, caminha um pouco, encosta-se a este portão, parece que tem bicho carpinteiro. Estás com algum problema? Trouxe um amargo para prosearmos e para te acalmar.

— Pois olhe, Gumercindo, tô mesmo meio abichornado; sente aqui neste banco! Este chimarrão veio em boa hora. Se tiveres paciência, vou te contar uns acontecidos e o porquê desta minha angústia, que me faz caminhar daqui pra lá e de lá pra cá. Tu vais, então, entender todo o meu drama. Uma parte do causo, certamente, tu já conheces, pois foi comentado aqui na vizinhança, mas eu vou te dar mais detalhes.

— O) (O —

— Era um dia mormacento, fui com minha gaiota levar um guarda-roupa e um baú, lá na casa de meus compadres, o Waldemar e a Rita.

O povo me recebeu com alegria, e a Rita já foi me oferecendo um prato de coalhada e uma porção de pinhão, forrei o bucho, e me senti jantado, papeamos um pouco, tomamos um amargo pra rebater, dei um adeus e me mandei.

Trouxe no embornal meia cuca, presente da comadre. Também não cobreí nada pelo frete! Gente minha, compadres e meio aparentados.

Aproveitei a viagem e passei na Cruzinha, e fiz uma reza pra Maria Pequena.

Toquei meu tordilho e, já na hora da Ave Maria, cheguei ao Chafariz da Mãe Preta, ali me recostei, fiz um palheiro, com um fuminho vindo lá de Sobradinho, vendo o sol começar a deitar por trás do arvoredor.

As lavadeiras recolhiam as roupas, me davam um buenas tardes e seguiam para suas casas, levando sobre as cabeças bacias com roupas alvas.

Agarrado nas saias daquelas mulheres ou correndo em volta sempre tinha um piá ranhento.

Fiquei ali sentado, sentindo o perfume da tarde, o cheiro da terra, vendo o sol morrendo e as estrelas aparecendo.

Ponteando veio a Estrela D'Alva. Foi escurecendo e foram chegando devagarinho as Três Marias, o Cruzeiro e logo o céu estava coalhado.

Dei uma tragada, sentindo o peito apertado, te confesso. Até uma gota de lágrima correu, por ver tanta beleza.

Se meus olhos refletiam o brilho das estrelas, meus ouvidos ouviam o cantar da água escorrendo da fonte por entre os tanques onde boiavam as tábuas das lavadeiras.

Tu sabes, sou andejo, vivo só, desde que a mulher partiu, que Deus a tenha, e que meus filhos se foram para capital formar família e me dar netos. Eu ando por aí, não tenho compromisso, sou aposentado do IAPI. Para passar o tempo, faço meus fretes e vou levando a vida.

Almoço onde me convidam, janto logo ali adiante, tenho esta casa, às vezes aqui me arranco, mas também faço pouso na casa de algum parente, de algum amigo e muitas vezes me acomodo a céu aberto.

Na carroça eu carrego alguns de comer, biscoitos guarda-freio, bolachas, rapadura, erva-mate, um pelego e uma capa gaúcha que me serve de cobertor e me protege da chuva.

Ah... Sempre tenho na gaiota uma garrafinha de caña, que um ferroviário me traz lá de Marcelino Ramos, temperada com butiá, às vezes tempero com losna, outras vezes com bitter, enfim, dependendo de meu estado de espírito, eu faço a mistura.

Logo um silêncio foi baixando, ouvia-se ao longe um cão latindo e nas casas mais próximas o barulho e o choro de crianças.

Olhei mais uma vez para o céu, agora todo estrelado. Fixei-me no barulho d'água, minha pele arrepiou, uma brisa fria engolia o mormaço do dia. O Minuano se agitava querendo acordar.

Pra combater este frio, dei uma talagada na caninha, trouxe o toco do palheiro, tudo isso para acalmar a nostalgia que teimava em apertar meu coração.

Dei mais uma bicada na caña, saquei os arreios do cavalo e o pus a pastar. Apoiei os varões da carroça num dos tanques de lavar roupa, nivelei, estendi o pelego e a capa, passei uma água na cara, no sovaco, escovei os dentes e deitei.

Iluminando a noite, as estrelas desceram do céu e voavam em forma de vaga-lumes, e um sapo coaxava no banhado.

Comecei a cochilar, sentindo o cheiro do pelego e o calor da capa. Tava quase ferrando no sono, quando me sobressaltei... Ouvei três estampidos, tiros, vindos da coxilha, pá, pá, pá, e o silêncio, voltou abafando tudo.

Dormi o sono dos justos. Quando o dia clareou, já me pus em pé.

Senti de imediato aquela vontade de tomar um amargo. Tenho comigo erva, cuia e bomba, me faltava à água quente.

Ajeitei-me, arriei o cavalo, conferi a gaiota, comi um biscoito guarda-freio, uma fatia da cuca e me atinei de ir até a pensão da Maria Roncadeira, pra ajeitar o chimarrão, pegar uma água quente, quem sabe tomar um café com ela, afinal já fazia muitos dias que eu não via a comadre.

E assim eu fiz. Subi a coxilha, ao invés de ir para o lado de minha casa, entrei para a direita e já avistei a placa Pensão Dona Maria.

Bati palmas em frente e gritei, - Oh de casa! Oh de casa!

Ouvei as dobradiças rangerem e lá estava a Maria com uma cara de noite mal dormida.

— Bom dia, comadre! Quem é vivo aparece!

— Se acheque compadre, venha pra dentro!

Fui entrando e já indaguei - O que houve, comadre? Tá cum cara de velório!

— Mas então! ... Você num sabe, homem de Deus, da desgraça que aprontou o Oripe?

— Quem é Oripe, comadre? Não seria Eurípedes?

É, é isso aí! Aquele sarará que morava aqui na pensão faz bem uns três meses, filho do negro Clemente e da Joanelha, aqueles que tinham fazenda ali pros lados do Pontão.

— Ah! ..., sim, sim, agora eu lembro! Eu vi uma tarde o vivente tomando chimarrão e proseando com a moçada.

— Mas, comadre! Quê desgraça foi esta?

— Pois não há de vê que o Oripe atirou na Sinhá Raimunda e na Lindinha e pra completar deu um tiro no ouvido.

— Maria! Foram os tiros que eu ouvi ontem à noite quando fazia pouso ali no chafariz.

— Se foi por volta das oito horas, é isso mesmo!

— E daí? Todo mundo morto?

— Sinhá Raimunda e o Oripe morreram na hora. Nela o tiro foi na cabeça, nele como falei, no ouvido. A Lindinha que era enrabichada dele, levou o tiro no peito, caiu, mas o disparo não foi matador. Está no hospital. Parece que escapa!

— Pela pelagem, parece que ele beirava aos sessenta anos?

— Tinha cinquenta e oito, compadre.

— Mal chegou a sua pensão e já tava de cambicho! Inda com a Lindinha, novinha e bonita como laranja de amostra.

— O problema, ali, era a Sinhá Raimunda! Uma águia!

— É verdade! É verdade!

— Foi um ato de grande fraqueza, mas só quem conhece a história dele é que pode julgá-lo, ele era um infeliz.

— Como infeliz?

— Ele sofria de *caiporismo*!

— Mas que história cabeluda é essa comadre? Nunca ouvi falar de..., como é que é mesmo? *Caiporismo*.

— O) (O —

— Amigo! Vamos tomar chimarrão enquanto eu te desfilo esta história, mas antes come um bolo, uma fruta, para encostar o estômago. Eu também nunca tinha ouvido falar do tal de *caiporismo*, foi o Oripe que me contou.

— A Joaquina, não sei se você sabe, morreu quando o Oripe tinha uns doze anos. Ele se criou com o pai, com o qual era unha e carne.

Eles lidaram ali no Pontão, na Estância Sol Nascente, com criação de gado, plantio de milho e mandioca. Hoje a fazenda, que foi adquirida por uns alemães, se chama “Granja Dona Frida”.

Depois de ali labutarem por muitos anos, mudaram para o Paraná. O Oripe já tava taludo, homem feito, passaram a trabalhar com madeira, na exploração do pinheiro, ganharam muito dinheiro, mas o pinheiro foi raleando, as leis foram ficando mais apertadas então, resolveram voltar para a pecuária e compraram terras no norte do Goiás.

Dizia ele que nesta época o pai já estava envelhecido, mas que as terras eram muito boas e o clima seco e quente melhorou a saúde do Clemente, que sofria muito com bronquite e alergias.

Nomearam a terra de “Fazenda Horizonte” que tinha uma pastaria de primeira. Criavam gado e plantavam de arroz de sequeiro.

Região rica em mataria, que lá chamam de cerrado, e em águas, com muitos rios com miles e miles de peixes e muita caça.

Você sabe, compadre! O destino e a desgraça sempre andam juntos, ali, na primeira esquina ou na primeira volta de um rio.

Compadre, parou com o chimarrão? Se não tiver medo de azia, toca esta ambrosia que fiz ontem por cima do amargo.

Estavam de uma feita o Oripe e o pai, consertando uma cerca à beira de uma mata fechada, quando ouviram o movimento de caça.

Identificaram, pela buía e pela batida de dentes, que eram queixadas, porcos-do-mato.

Estava ali, quem sabe, a carne saborosa para diversos dias.

Pegaram as espingardas e foram cercar a vara, um pela direita e outro pela esquerda, com a ajuda de dois cachorros. Afunilaram os animais contra uma ravina. Foi quando para espanto, surpresa e mesmo para o início da infelicidade viram montados no queixada líder, o Caipora.

O Caipora, segundo contou o falecido, é um indiozinho de pele escura, peludo, de agilidade espantosa. Anda sempre pelado, lidera e protege a bicharada selvagem. Quem topa com o Caipora, com seu olhar fixo, penetrante, arrasta pra todo o sempre a infelicidade.

Voltaram para casa sem caça, com os olhos esbugalhados, como se estivessem enfeitiçados, isso durou bem uns três dias. Daí em diante montaram neles o azar, à infelicidade, a má querença.

Já não caçaram nem pescaram mais, o gado pegou a não reproduzir e a adoecer, as roças já não produziam, a tristeza se apossou deles.

O Clemente, quer pela idade, quer pela impaciência, começou a beber e a andar em má companhia. Numa noite, num frege de beira de estrada, foi assassinado, por conta de um jogo de cartas. Jogou a noite toda e não ganhou uma parada; era o caiporismo. Ele desconfiou dos oponentes, acusou-os de trambique e levou uma facada matadeira.

O Oripe se desesperou, enterrou o pai, vendeu tudo, ajuntou os recursos que tinha e voltou.

Comprou uma fazendola no distrito de São Sebastião, adquiriu um gadinho, porcos, ovelhas e plantou erva-mate, mas nada ia pra frente, continuava o azar.

Desesperado e ciente da situação, ele deu a propriedade às meias prum sobrinho, esperando assim driblar o azar e ter uma receita financeira.

Mudou-se, então, aqui pra minha pensão, isso há uns noventa dias.

Compadre, eu acredito na história que ele me contou, pois, o home vivia apouquentado, sem sossego, dormindo mal, tudo o que fazia não se concretizava. Veja, você! Nem no amor ele teve sucesso.

— Não me diga, comadre?

— Te digo, e te conto. Para desaparecer saía andando solito por estas baixadas. Numa tarde de garoa, entrou para se abrigar e tomar uma caña na bodega do turco Hasad. Ali sentada num banco, aguardando o tempo amainar, estava Sinhá Raimunda. Você sabe! Sinhá, agora finada, era daquelas que conheciam o rengo sentado e o cego dormindo, chamou logo o chegante para uma prosa. Após prosearem e terem repartido um tira-gosto de queijo e salame, Sinhá Raimunda, esperta como só ela, o convidou para tomar um chimarrão em seu rancho.

Ele me contou os acontecidos bem aí nessa mesa, sentado nesse banco, tomando café com pão de milho. Tinha um brilho no olhar de homem apaixonado.

Pois ele foi para este mate com a Sinhá, e lá lhe foi apresentada a lindinha, na flor de seus vinte anos. Tu já viu, pedaço de mau caminho, morena acobreada, com olhos verdes profundos, cabelos pretos como carvão, boca carnuda, seios empinados e as ventas abertas das mulheres que são insaciáveis no amor.

Tenho que falar por justiça, meu compadre. A Lindinha era uma vítima nas mãos da Raimunda. Filha de um amor proibido da cabocla Thereza com um judeu russo vindo de Quatro Irmãos. A Thereza foi assassinada num bochincho na bailanta do Vavá. Linda, este é seu nome, ficou órfão ainda bebê, o pai nunca foi encontrado.

A Sinhá criou a guriazinha por ser sua madrinha. Como lindinha cresceu e ficou uma beldade, a Raimunda a desviou e passou a viver por conta de seus favores sexuais. Sinhá Raimunda era uma alcoviteira.

Depois daquele primeiro encontro, o Oripe, já embeijado, voltava lá quase que diariamente e passou a exigir exclusividade. Para tanto assumiu todas as despesas da casa de comum acordo com a cafetina.

Sinhá queria *plata*, Lindinha gostava de jovens, por ser jovem, e o Oripe, mesmo sendo viril e mantendo as duas, carregava nas costas o peso da infelicidade e da desconfiança.

Quem sofre com o caiporismo não é burro ou cego, e o Oripe era vivido, e algo lhe dizia que as coisas não estavam como ele queria. Me disse mais de uma vez – Tenho um arrepio nos pelos e na boca do estômago uma sensação de estar sendo enganado. Resolveu, por isso, ficar de campana nos arredores do rancho da Sinhá. Foi dito e feito. Na calada da noite, via jovens, viúvos e desquitados adentrando no rancho, tomando chimarrão com a sua erva, bebendo sua caña e dormindo nos seus pelegos com a dona de sua paixão.

Um dia ele me falou - Dona Maria! Sou um azarado, infeliz, mas sou macho. Este povo tá enganado comigo...

Eu fiquei matutando, mas nunca sonhei com uma tragédia como esta.

— Pois então, meu vizinho, meu amigo Gumercindo, foi assim que tudo assucedeu. Levei a Maria Roncadeira no enterro e levei-a pra visitar a Lindinha no hospital.

— O) (O —

Maria, que é muito servideira, chamou a Lindinha para ficar na pensão no período de recuperação, coisa de trinta dias para se recuperar, se arribar e ganhar algumas carnes, pois, você sabe, sopa de hospital derruba qualquer vivente.

E a moça ficou por lá, foi melhorando, ficando de pelo liso, coxuda e de bunda arrebitada.

A Maria Roncadeira começou a se preocupar, afinal, ali é uma pensão familiar, e, você sabe, a rapaziada não perdoa.

Um belo dia, domingo, depois da missa, me ia passando por lá, desta feita a cavalo, no meu tordilho. A Maria me chamou.

— Compadre! Se achegue pra cá! Preciso de um particular com tu.

Acheguei-me, a mesa tava cheia de quitutes - uns salgados outros doces - um café no bule e um chimarrão pra ser começado. – Sente compadre! Sirva-se! Por onde tem andado?

— Por este mundo de meu Deus, como um andarengo comprometido só com a lua, com o vento e com as estrelas...

— Compadre, preciso trocar uma ideia contigo, pois tu conheces toda a história. Há de vê que a Lindinha tá aqui comigo, sã, salva e muito mais linda que antes, com boas roupas, com dinheiro, pois vendeu o rancho da Sinhá, e exalando perfume de mulher.

— Inda mais, compadre. Tu sabes que esta pensão é familiar, mas aqui tem muito bagual e pouca égua, e isso é um barril de pólvora...

— Sei, sei, comadre!

— Meu compadre, tu andas pelo mundo, um dia aqui outro acolá, tem uma casa que é um brinco, toda mobiliada, que fica semana após semana fechada, necessitando de uma limpeza, dos cuidados de uma mulher.

— Tô começando a te entender, comadre!

— Eu já falei para a Lindinha. Ela entendeu meu lado e, achou a minha intenção razoável, se dispôs a cuidar da tua casa, quer estudar, mudar de vida e quer te conhecer...

— Gumercindo do céu! Deu-me uma tosse comprida neste momento, me prendi a tosse, a espirar, e o coração disparou de puro nervosismo...

— Mas comadre!

— Compadre! Não tem grê - grê pra dizer Gregório; preciso da tua ajuda! Sei que você é respeitador e um pouco mais novo que o falecido Oripe, mas.... Acho que posso confiar em tu. E resmungou dela pra ela mesma: será o Benedito? Home é tudo igual...

Chamou pela moça. Quando ela entrou, a cozinha se encheu de luz. Eu entendi de imediato a tragédia do Eurípedes..

Foi uma conversa comprida, como se fosse um contrato. Ela se comprometeu com muitas coisas, eu não me comprometi com nada.

Então, com calma eu lhe falei.

— Dona Lindinha, a vida é uma estrada sem volta. O que aconteceu, aconteceu, vou lhe respeitar. Se ficares no teu carreiro, eu ficarei no meu, mas se vieres no meu trieiro... Bueno aí! A carne é fraca, exigirei respeito, não costumo errar tiro e não sofro de *caiporismo*.

Ela e a Maria concordaram acenando com a cabeça. Foi assim assinado um contrato verbal entre nós, tendo a Roncadeira como testemunha.

— Este é o motivo, Gumerindo, de eu estar tão apreensivo. Eu era apenas um observador dos acontecimentos, daí, por artes da comadre Maria Roncadeira, com quem não posso falhar, passei sem querer a ser ator.

Inda hoje, a Lindinha, está se mudando pra cá, tô suando nas mãos, tenho uma bola aqui na barriga, que será de mim... Mandeí dar uma limpada e acortinei a casa, comprei uns trens de cama.

Sei não, sei não...!

Ficamos ali conversando, tomando chimarrão, e o Gumerindo, bem-falante, sorrindo, de vez em quando me olhava, assim, de relancina.

Comecei a ficar cismado...

Lembrei que papai sempre me dizia:

— Filho, quando o céu está azul, céu de brigadeiro, olhe com atenção que, bem lá no alto, lá no alto mesmo, sempre tem um urubu, voando em círculos, observando e....., Bueno!

Pois foi o que aconteceu. Não é que o Gumerindo recolheu os avios de chimarrão e, ao me dar um adeus, com toda a tranquilidade, qual um corvo carniceiro falou:

— Preocupa não, vizinho! Se as coisas não andarem como você planeja, eu tô bem aí, manda lá pra casa, esta deusa da perdição.

Dei um sorriso amarelo e falei de mim pra mim mesmo - Mas é bem capaz...

Recuerdos

por Telmo Mario Dornelles Gosch

— Pois é, paisano! A invernia nos pegou de jeito, além do frio, esta garoa, que deixa tudo na umidade... Pois não há de vê! Na noite passada deitei meio desprevenido, meu rancho tem umas frestas que preciso consertar, colocando uns sarrafos. O vento frio assobiou por ali a noite toda, acordei de madrugada, gelado, tive que puxar o bichará para me aquecer.

Alevantei-me, com o corpo meio ruim, resfriado, espirrando, com dor nas juntas e pela tarde começou a me coçar a garganta.

Na hora da Ave Maria, ruinzote no mais, resolvi pedir socorro para minha amiga e vizinha, a Maria Roncadeira.

Vancê sabe, nessas horas nada melhor que uma mulher pra ajudar a gente.

Lá chegando ela me olhou com olhar clínico, pôs a mão na minha testa e foi exclamando - Que bruta febre, homem de Deus!

Olhei para a minha velha amiga e, embora com o nariz entupido, senti no ar aquele perfume de mulher recém-banhada, na minha testa ficou aquele cheirinho de creme hidratante para as mãos.

— Senta aí, enquanto conversamos, vou fazer um chá para te arribar! Chá de poejo, uma colher de mel, um dente de alho. Quando estiver grosso, denso, eu coloco um tição, uma brasa viva, desta lenha que é de camboatã, como simpatia, pra te curar mais cedo.

Ela se foi em direção ao fogão, baixusca e rechonchuda, com um vestido de chitão todo floreado. O cabelo, pra esconder os brancos, pintado na cor da gema de ovo, estava preso, deixando aparecer o pescoço.

No calor do fogão dava para ver, nos vincos da gordura, gotas de suor que brilhavam, como brilha o sereno no frio das madrugadas. Ela, como de costume, com seu lencinho alvo e rendado, ia enxugando o suor do rosto e do colo, com força, como se quisesse tirar as sardas que ali habitam com fartura.

— Compadre, quando eu faço estes chás eu me alembro sempre do Arcides, tu lembras quem é?

— Sim, o Alcides, aquele que morava aí na rua de cima, gente boa e servideira.

— Isto mesmo, isto mesmo, o Arcides!

— Enquanto o chá aquece deixa eu te contar!

— É bom que eu te diga, paisano, que a Maria quando pega um vivente para conversar, sai da frente... E ela prosseguiu:

— O Arcides era metido a fazer umas xaropadas, umas garrafadas, enfim, uma remediama com ervas que o povo usava para tirar o catarro das gripes, bronquites, aliviando os fumantes e por aí vai.

Você sabe! Naquele tempo, médico havia muito pouco e era caro; o pessoal do interior para vir à cidade era a cavalo, de carroça ou de aranha, viagem às vezes pra mais de dia. Então se apelava para os raizeiros, os benzedores, as parteiras e curandeiros de toda espécie.

Olhe! Vá tomando o chá, devagarzinho, pois tá quente, pingue umas gotas de limão e tome este comprimido pra baixar a febre. Tome devagarzinho!

O Arcides fazia também umas pomadas, com sebo de ovelha e mais uns produtos perfumados, que era uma beleza na época fria, para rachaduras na pele e frieiras. As moças até algumas chinas que vinham da rua de baixo, adoravam e compravam.

Gosto de lembrá-lo, sempre bem arrumado, cabelo grisalho e ralo, penteadito prum lado, bombacha com favos, botas de cano alto e lenço vermelho no pescoço.

Se alguém falava do lenço maragato, ele exclamava - Este vai me servir de mortalha!

E o neto do Arcides? Lembra daquele gurizinho esmilinguido que andava grudado no velho dia e noite? Magrinho que apareciam os fios da costela, cabeçudo, pesçoúdo e com uns dentões brancos, que quando sorria a gente só via dente. Não é que ele fosse feio, era magro. Pela magreza, ficava cabeçudo, pesçoúdo e dentuço.

A magreza do piá não era por falta de boia. Lá tinha fartura! Acontece que o guri não parava, tinha bicho carpinteiro. Se não tava com o avô, andava de calçãozinho correndo atrás de bola, jogando bolita, arranca-toco e matando passarinho com um bodoque de forquilha de goiabeira, farquejado bem aqui no fundo de minha casa.

Meu amigo, hoje à noite, faça um gargarejo com vinagre, sal e bicabornato. Pegue um papel de embrulhar pão, dobre, coloque bastante álcool e enrole no pesçoço. Prenda com uma manta. Se não tem manta, enrole com um pano de prato. Por falar em pano de prato, acho bom você trazer todos pra eu dar uma alvejada, pois aqueles seus panos estão encardidos.

Falou baixinho entre dentes, mas eu ouvi - Esses homens não prestam para nada! E como era o seu costume de mulher matraca, que não para de falar, continuou:

— Deixa eu te contar! Pois certa feita, eu presenciei o fato, tava o Arcides todo pachola no alpendre, em frente à sua casa ele, a mulher e o neto.

Eu conversava com a Dona, quando chegou um gaúchito, vindo lá dos lados do Bom Recreio. O gaúcho deu um buenas, batendo com dois dedos na aba do chapéu, apeou de um belo cavalo milhado e, arrastando as chilenas, se achegou para a área e para o chimarrão. Já conhecia os moradores e pediu um xarope para a mãe que estava com o peito muito atacado, bronquite.

Conversa vai, conversa vem, entendi de logo que a mãe do moço era alcoólatra.

Chimarream, conversando sobre lidas campeiras, pegaram os avios e preparam palheiros, com um fumo amarelinho e cheiroso. Deram umas tragadas, expeliram uma fumaça branco-azulada que subiu aos céus formando espirais. O desempenado, levantou e deu

sinais de ir embora. O Arcides mandou o neto, aquele magrinho, que tava com uns oito anos, buscar o xarope que, segundo ele, estava no quarto, ao lado da cômoda.

O menino trouxe uma garrafa, de vinho, não sei se eles viram, mas eu vi. Ainda tinha o rótulo, cor escura, tapada com rolha. Entregou-a, ele deu o dinheiro para o guri que passou para o avô.

O índio montou no zaino, colocou a garrafa no embornal e se mandou a la cria.

Três dias depois o gaúcho e o zaino voltaram e, como se diz hoje em dia, voltou puto da cara.

— Mas..., deixa-me fazer um atalho, pois este foi um dia maledeto. Recordo-me bem, era uma terça-feira, 24 de agosto, corria o ano de 1954, foi anunciada a morte do Presidente Getúlio Vargas.

Depois do almoço, de ter feito minhas obrigações, minha sexta, subi a rua em direção à Avenida, pra ver se havia algum bochicho pela morte do homem. Foi quando, passando em frente à casa do Arcides, eu presenciei o acontecido e me acheguei, pois afinal eu era gente dali.

— Seu Alcides, ao invés do xarope, eu levei vinho! O menino, seu neto, trocou as garrafas! A mamãe descobriu na primeira colheirada, escondida bebeu tudo, ficou faceirita, dançando num pé só. Foi uma mão de obra danada.

Percebi que o gaúcho ao contrário da outra visita, três dias antes, quando veio comprar o xarope, não usava o seu belo lenço vermelho com nó maragato. Perguntei - Ué, seu moço, e o seu lenço? Tá de pescoço limpo! Ao que ele me respondeu:

— Dona Maria, pela manhã, soubemos do suicídio do presidente. Tenho muitos amigos getulistas que estão com o peito dolorido. Embora o meu posicionamento, em respeito a eles, tirei meu lenço, não é hora de fazer inimizade.

O Arcide, que vivia, como falei, com o seu lenço pra cima e pra baixo, fazendo ponto e papeando pelas esquinas, olhou-nos e disse - Concordo contigo, Nicanor, eu mesmo vou ficar aqui por casa hoje, não vou sair para a rua, mas não tiro o meu lenço!

Estão falando por aí, que hoje à noite vai ter comício em honra ao presidente e que depois grupos vão tomar satisfação com os velhos maragatos. Admito o comício é um direito. Agora, se vierem tirar satisfação, vão nos encontrar preparados. Nossas armas, minha e de meus filhos, estão sendo azeitadas...

Mudou de assunto e continuou:

— Nicanor, seu moço, eu percebi a troca logo que tu foi embora, mas não tinha como avisar. O menino tem culpa, mas é pouca, foi um acidente, pois meu quarto onde estavam às garrafas é meio sombrio, por efeito de uma laranjeira bem na janela. Nesse lusco-fusco, e as garrafas são todas de cor escura, fez-se a confusão. Me desculpa, pois já vendi tanto xarope para vossa família e nunca aconteceu uma desgraça destas.

— Mas se achegue, vamos tomar um mate, ou preferes uma cana com butiá? Vamos acertar esta desfeita!

O Nica apeou, sentou num banco e deu uma bicada na cana. O Arcides devolveu o dinheiro, deu outro litro do xarope e de lambuja um pote de creme para a pele.

— Leve este creme para tua mãe passar nas mãos e no garrão, ela vai gostar.

Tomaram a cana com butiá, arremataram com um baio de fumo amarelinho, abraçaram-se, sorriram, e a amizade que já era firme continuou.

— Mas fazendo caravolta, amigo véio, falando ainda desse 24 de agosto, o Alcides tinha razão, pois naquela noite houve quebra-quebra e morte, mas os arruaceiros felizmente não chegaram aqui pros nossos lados.

— Foi um dia diferente. Lembra-te do Hermenegildo, aquele mulato que morava na rua de baixo, que tinha um escritório de publicidade, lidava com propaganda, coisas que eu não entendo direito? Pois o vivente tinha namoro com a Karla, filha daqueles alemães que moravam na outra esquina, plantadores de tomate e outros legumes. Eles eram contrários ao namoro. - Onde já se viu uma branquinha, como nossa filha, namorar e casar com um preto carvão como o Gil-do? Falavam eles para a vizinhança.

A Karla ficava presa em casa, proibida de sair, mas você sabe, namoro contrariado..., ficava lá, quietinha, fazendo seus crochês, seus tricôs, enfeitando lençóis e panos de prato, tudo o que era de enxoval.

Mas, o Gildo tinha suas malandragens, dava uns pilas pruns piás e mandava bilhetes para a Karla.

A Karla era uma alemoa de corpo fino, olhos verdes acinzentados e cabelos loiros escorridos, que, por causa do namoro, da paixão e mesmo pra contrariar os pais e irmãos, pintava agora de preto, cortava curto e ondulava, untava a pele alva com uns produtos cremosos, ficando, assim, com a tez mais amorenada.

Aproveitando o rebuliço, quando os alemães, tudo getulista de quatro costados, foram para o centro assistir o comício em homenagem ao presidente Vargas, o “Pai dos Pobres”. Veja compadre a política é interessante, de quando em vez, aparece um pai dos pobres e, mesmo com tantos pais, os pobres continuam pobres.

O Gildo tinha um auto, um Ford, que chamavam de bigode, não sei por quê! Juntou a Karla e seus trapos e se mandaram pruma pensão lá em Marau. Ficaram em lua de mel por uns três dias, voltaram e casaram.

A alemoada se revoltou, não aceitavam de jeito nenhum aquela união. Mas, tu sabes, o tempo passa, chegaram os netos, tudo moreninho de olhos verdes, os avós se derreteram, assim se acabou a malquerença.

Anos depois, no velório do Arcides, o Nicanor estava lá, perguntei de sua mãe, ele tirou o chapéu, olhou para o céu e disse com olhos em lágrimas: - Faleceu na semana passada.

Mudando de assunto, Dona Maria, eu precisava falar, pois só ela conversava, indaguei.

— Tem notícias do neto do Alcides?

— Uns dias atrás, numa charla que tive com o Miguel. Sabe de quem tô falando! Não sabe? Pois é este mesmo! Eu vi o Miguel crescer, vi ele nos cueiros, fui eu que segurei ele no colo no dia do batizado, tanto é que me chama de madrinha.

— Neste dia o Miguel me contou que o neto do Arcides que foi guri com ele tá morando no norte. Diz que tá bem tem uma gadaria de primeira e de vez em quando mexe com uns inscritos.

Falam, por aí, que é muito mentiroso em suas lavras, escreve para sonhadores, preste povo que vive com a cabeça na lua, nas estrelas, vive de imaginação. A gente que tem mais idade não compensa ler essas mentiragens. Acho que puxou pelo Arcides, gente boa e servideira, mas queimava um campo...!

— Um dia desses, passei também um corretivo no Miguel; um pito, pois me contou o vento que o deslavado do meu afilhado anda com uma gentalha, sentado por uns bares, ali praqueles lados, onde foi o Cassino da Maroca, tomando umas saideiras.

Quando o encontrei já fui perguntando.

— Miguel! Quem é esta gentama que você anda encontrando por bares no meio da tarde? Isso não é coisa de homem trabalhador!

— Madrinha, não se preocupe, é tudo gente boa. O povo fala demais, e isso é lá de vez em quando!

— Miguel! E essa tal de saideira?

— Madrinha, isso é bobagem, conversa fiada. É só uma bebidinha gostosa!

— Então saideira é apenas um achocolatado?

— Ele se prendeu a rir - Madrinha querida, não se preocupe com isso...

Me deu um beijo na testa e foi embora; fiquei olhando ele caminhar. O danado pensa que não sei o que é saideira, é Polar, é Seramalte e outras mais... Outro que vive sonhando, no mundo das nuvens. Eu com a idade que tenho, ter que ouvir essas coisas.... É outro mentiroso!

Meu amigo, já escureceu, você não pode pegar sereno. Vá pra casa, quente e tome a sopa que coloquei nesta vianda, te ponha cedo na cama, não esqueça de colocar o papel com álcool na garganta, te cobre bem, venha amanhã para eu ver como tu estás.

— Sabe que o tratamento da Maria Roncadeira foi buenacho? Gosto de visitá-la, sempre tem um causo pra animar a gente... Logo, logo eu volto lá, aproveito e levo os panos de prato pra ela dar um trato, para ela alvejar. Dentro da sacola coloco uma rapadura para ela adoçar a boca.

O Cozinheiro

por Viviane Maciel

Desde os meados de 1949 se passava na pinguela do Rio da Várzea, no Passo da Capoeira, para chegar a Santa Bárbara do Sul. Para quem não conhece, uns 20 km adiante do município de Carazinho. A estrada era de chão, não existia passagem como ponte ou qualquer tipo de ligação mais moderna.

Conta a estória que na mata ciliar, a direita de quem vai à Santa Bárbara do Sul, havia um frondoso Pinheiro - Araucária, o mais alto e bem próximo ao caminho de passagem. Quem passasse ali, se estivesse de chapéu, era-lhe arrancado e um calafrio subia por todo o corpo, os xirus paravam em Santa Bárbara sem saber como chegavam...de tanto meeeeeeedo.

Entre Carazinho e Santa Bárbara do Sul, o caminho era de aproximadamente 100 km; os sujeitos preferiam fazer uma volta lá por São Bento ou Pinheiro Mercado, quase voltando à Carazinho, percorrendo cerca de 40 km a mais. O medo era tamanho; as estórias aumentavam cada vez mais; que a tal pinguela quase foi abandonada. Toda a vez que alguém tentasse por ali passar via, ouvia ou sentia a presença de alguém assombrando o caminho.

Os moradores relatavam que ao passar por ali sentiam a presença de um vulto muito amedrontador, com um chapelão gigantesco, parecendo um daqueles cozinheiros vindos lá do lado de Paris e, até mesmo os cães, ao passarem próximo ao tal pinheiro uivavam e saíam em disparada corrida. Uns contam que foi um acidente durante uma caça, entre Pai e Filho, exatamente ao pé do pinheiro, outros falam que foi um garçom, já outros afirmam serem as almas penadas do cemitério próximo da região, mas, para a maioria, foi o melhor

cozinheiro da época, um tal de Abelardo, que fazia o melhor sanduíche de queijo com carne de porco para os viajantes. A questão é que o tal fantasma não aparecia somente à noite, não. Bastava uma vítima e lá estava o cozinheiro de faca em punho. O fato é que ninguém passava pela região a não ser por extrema necessidade.

Conta a relatora, Selma Portilio, hoje com 81 anos, que ninguém sabia de nada e que, segundo seu Pai, João Portilio: “À noite aparecia um cozinheiro, do tamanho do pinheiro, assombrando quem lá passasse, pois, ali foi morto por desentendimento de jogo e que buscava uma alma para substituir a sua, que era penada. E sua intenção era decapitar a vítima”.

Interessante que até hoje, ninguém passa pelo caminho, inclusive o asfalto foi desviado, respeitando o pinheiro e, mesmo com fazendas e granjas nas redondezas, todos ainda tem MEEEEEDOOOOO. Há quem conte de forma diferente.

Os Autores

Agostinho Both

Autor de diversos livros. Artigos em inúmeras revistas e em capítulos de livros, todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria, escreveu romances sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui estilo literário livre de preceitos acadêmicos. A bagagem, como professor e administrador universitário, faz com que penetre com estilo leve e crítico nas questões do cotidiano da nossa cultura. Acima de tudo, busca forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

Aleixo da Rosa

Cobrador de ônibus. Acadêmico de Filosofia. Leitor compulsivo. Aprendiz de escritor e de músico.

Israel Passarinho

Poeta contista e pesquisador literário. Graduado em Letras pela Universidade de Passo Fundo. Prêmios: 1º Lugar no concurso Conto Premiado Colombo na 14ª Jornada Nacional de Literatura. 1º Lugar da 3ª semana IV Prêmio Escambau de Microcontos 2º Lugar da 1ª semana IV Prêmio Escambau de Microcontos 4º Lugar no I Concurso de Microcontos de Araçatuba - SP Finalista do desafio #Microjogo - SweekBrasil Finalista do desafio #MicroDia - SweekBrasil Publicações: *Micróbios: microcontos/Israel Passarinho*. Passo Fundo: edição do autor, 2018. 112p. Livro Físico na Amazon.com: <https://goo.gl/ai42Sb> - Ebook: <https://goo.gl/k3MV6N> Participação em antologias: * I Concurso Nacional Novos Poetas: Premio Augusto dos Anjos. Cabedelo, Paraíba: Videira Editora, 2011

* Coletânea de Poemas. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2015.
* Revista Estudantil Pirocromo - Universidad Autónoma de Aguascalientes, - AGS (MEXICO): 2015. * Coletânea de Poemas. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2017. * Coletânea de Contos. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2017.

Kassiê de Carvalho

Jornalista. Trabalhou no Diário da Manhã. Atualmente possui a empresa Recriar Comunicação, assessoria de imprensa e marketing digital (fb.com/RecriarComunicação). Participa no livro “Valdrada”, com histórias fantásticas, organizado por Pablo Morenno. Possui publicações no site colecionandohistorias.tumblr.com

Leticia Copatti Dogenski

Dentista e autora das novelas Onde as Nuvens Fazem Sombra (2015), A Última Rosa do Verão (2017) e do livro de contos Previsões de Mau Signo (2017).

Marcos Antonio Bulgos de Andrade

Policial Civil, bacharel em Direito, escritor, poeta e compositor. Autor dos livros Pinhão & Pipoca e A bruxinha Meleca. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, da SPV - Sociedade dos Petas Vivos, da ALPAS21 - Academia Literária Internacional e Confraria das Artes.

Miguel Augusto Guggiana

Nasceu em Uruguaiana em 1948, radicado em Passo Fundo desde 1992. Com formação em Administração de Empresas e Ciências Contábeis atua como empresário do ramo imobiliário. Colaborador assíduo no Projeto Passo Fundo e autor do livro “Garçom, a saideira!” sucesso de venda e crítica.

Pedro Du Bois

Poeta e contista. Passo Fundo, RS, 1947. Residente em Balneário Camboriú, SC. Vencedor do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, Poesia, com o livro *Os Objetos e as Coisas*, editado pela Scortecci Editora, SP. Tem publicado pela Corpos Editora, Portugal, *A Criação Estética*; pela Sarau de Letras, Mossoró, RN, *Seres*; pelo Projeto Passo Fundo, *Brevidades*, *Via Rápida*, *Iguais* e *Em Contos*; pela Editora Penalux, *O Senhor das Estátuas*.

Sueli Gehlen Frosi

Estudou no colégio Notre Dame e no Instituto Educacional. Graduada em Ciências Contábeis pela Universidade de Passo Fundo e Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier. Escritora. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras e colaboradora no Projeto Passo Fundo. Autora do livro “*Compaixão*”.

Telmo Mario Dornelles Gosch

Engenheiro Agrônomo e de Segurança do Trabalho; Passo-fundense nascido em 1946. Reside há mais de 30 anos no Estado do Tocantins. Servidor Público, fazendeiro e poeta. Sempre saudoso dos pagos. Gaúcho de nascimento, amor, saudade e formação, tocan-tinense de coração.

Vivi Maciel

Nasceu em 1966, em Passo Fundo, RS; completou o Ensino Fundamental e o Médio na Escola Notre Dame; curso de Auxiliar em Patologia Clínica; Bióloga; Enfermeira; especialista em Educação Ambiental; especializanda em Estética e Cosmetologia Avançada; formada em Direito; mestre em Direito Ambiental; doutoranda em Gestão e Auditoria Ambiental; trabalhou na Escola de 1º e 2º Graus Nicolau de Araújo Vergueiro e Adelino Pereira Simões, no Hospital São Vicente de Paulo, na Secretaria Municipal da Saúde e no Hospital Beneficente Dr. César Santos; escreve crônicas, contos e poemas, publicados em jornais e revistas; colaboradora no Projeto Passo Fundo.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Agostinho Both - Autor de diversos livros. Artigos em inúmeras revistas e em capítulos de livros, todos de natureza acadêmica. Após a aposentadoria, escreveu romances sobre temas relevantes de nossa cultura. Possui estilo literário livre de preceitos acadêmicos. A bagagem, como professor e administrador universitário, faz com que penetre com estilo leve e crítico nas questões do cotidiano da nossa cultura. Acima de tudo, busca forma pessoal, advogando a estética em primeiro lugar.

O ato de escrever textos inventivos exige um escritor cheio de esperança e ainda não consumido pela precipitação da racionalidade devoradora de almas encantadas pela vida.

A iniciativa de escrever e produzir textos, numa reunião de escritores, demonstra algumas virtudes ainda existentes tais como: cuidado, sensibilidade, solidariedade e fé para com a vida que nos cerca.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

